Ultimo Verao de Klingsor, O

Hermann Hesse

Prefácio

O pintor Klingsor passou o último verão de sua vida, quando tinha quarenta e dois anos de idade, naquelas regiões meridionais vizinhas de Pampambio, Kareno e Laguno que em anos anteriores amara e frequentemente visitara. Ali foram pintados os seus últimos quadros, paráfrases livres das formas do mundo fenomenal, aqueles quadros estranhos, luminosos e, apesar disso, tranquilos e sonhadores com árvores contorcidas e casas que pareciam plantas, que os conhecedores preferem às obras do seu período "clássico". Nessa época, sua paleta se reduzia a algumas cores poucas e vividas: cádmio amarelo e vermelho, verde veronese, esmeralda, cobalto, violeta-cobalto, cinúbrio francês e verniz gerânio.

A notícia da morte de Klingsor surpreendeu dolorosamente seus amigos no fim do outono. Muitas de suas cartas continham pressentimentos sinistros ou exprimiam os seus desejos de morte. Isso pode ter alimentado o rumor de que se suicidara. Outros rumores, tais como os que sempre cercam um nome controvertido, tinham tão pouca substância quanto esse. Muitos asseguravam que Klingsor estava mentalmente enfermo nos últimos meses e um crítico de arte meio míope tentara explicar a qualidade estranha e extática de seus últimos quadros na base dessa suposta loucura. Havia um pouco mais de fundamento na história — acompanhada de uma porção de anedotas — de que Klingsor era dado à bebida, tinha certamente essa tendência e ninguém falava disso com mais frequência do que o próprio Klingsor. Em certas ocasiões de sua vida e, portanto, nos seus últimos meses também, não era apenas por alegria que bebia habitualmente. Procurava também deliberadamente afogar em vinho o seu sofrimento e uma melancolia às vezes quase intolerável. Li Tai Pe, poeta que escrevera os mais profundos cantos báquicos, era seu favorito e muitas vezes quando bebia chamava-se de Li Tai Pe e a um de seus amigos de Thu Fu.

Suas obras continuam vivas. E não menos viva está na lembrança de seu pequeno círculo de amigos íntimos a lenda de sua vida e daquele último verão.

Klingsor

Um verão apaixonado e cheio de vida intensa tinha começado. Os dias quentes e compridos passavam como bandeiras chamejantes e as noites breves e quentes de lua eram seguidas de noites breves e quentes de chuva. Rápidas como sonhos sobrecarregados de imagens, passavam as semanas cintilantes e febris.

Klingsor estava depois da meia-noite ao pequeno balcão de pedra do seu atelier, pouco depois de ter voltado de um passeio noturno. Abaixo dele, estendia-se profundo e vertiginoso o velho jardim em terraços, um emaranhado de sombras densas de grandes árvores, palmeiras, cedros, castanheiros, olaias, faias vermelhas e eucaliptos, entremeados de trepadeiras, lianas e glicínias. Acima da escuridão das árvores, as grandes folhas lustrosas das magnólias de verão brilhavam palidamente, com as grandes flores alvíssimas escondidas entre elas, grandes como cabeças humanas, pálidas como a lua e o marfim. Da folhagem amontoada, um cheiro agridoce de limão subia até ele. Chegava-lhe também, de uma distância indefinida, a voz talvez de uma guitarra, talvez de um piano, não se podia saber. Nos quintais vizinhos, houve de repente o grito de um pavão, que se repetiu pela segunda e pela terceira vez, rasgando a noite silvestre com o tom breve, irritado e vegetal de seu grito atormentado, como se a tristeza de todo o mundo animal vibrasse rude e roucamente das profundezas. A luz das estrelas caía sobre o vale umbroso. Alta e abandonada, uma capela branca espiava da floresta interminável, velha e encantada. Lagos, montanhas e céu se fundiam na distância.

Klingsor estava no balcão em mangas de camisa, com os braços nus apoiados no peitoril de ferro e lia com um pouco de mau humor e com os olhos que ardiam o que as estrelas escreviam no céu pálido e a suave luminosidade das negras massas enevoadas das árvores. O pavão lembrou-lhe que já era tarde da noite e que ele tinha de ir dormir a qualquer preço. Talvez se ele pudesse durante várias noites seguidas dormir seis ou oito horas por noite, conseguisse recuperar-se, os seus olhos ficassem mais atentos e pacientes, o coração se acalmasse e as têmeoras deixassem de doer. Mas já então o verão teria passado, aquele sonho demente de verão rebrilhante e com ele mil copos não bebidos seriam desperdiçados, mil olhares de amor invisíveis seriam despedaçados e mil quadros irrecuperáveis se apagariam sem que fossem vistos!

Descansou a testa e os olhos d'oloridos no frio peitoril de ferro e isso o refrescou por um momento. Talvez dentro de um ano, talvez antes, aqueles olhos estivessem cegos e o fogo no seu coração se extinguisse. Não, nenhum ser humano poderia por muito tempo aguentar aquela vida flamejante. Nem ele mesmo, Klingsor, que tinha dez vidas, podia. Ninguém podia por muito tempo viver com todas as suas luzes acesas, com todos os seus vulcões em erupção. Ninguém podia arder noite e dia, trabalhando febrilmente muitas horas por dia, com as noites cheias de pensamentos intensos, sempre gozando a vida, sempre criando, com todos os sentidos e nervos em brasa e alerta como um castelo por trás de cujas janelas a música ressoasse todos os dias, e milhares de velas brilhassem todas as noites. Era preciso que aquilo tivesse um fim. Já dissipara muita força, já consumira muito a vista, já fora muito sangrado da vida.

De repente, riu e espreguiçou-se. Muitas vezes já se tinha sentido assim, com os mesmos pensamentos e temores. Em todos os períodos bons, fecundos e ardentes de sua vida, mesmo na sua mocidade, vivera sempre assim, queimando a sua vela pelos dois lados, com um sentimento ora jubiloso, ora soluçante de feroz extravagância, de destruição, com uma desesperada avidez de beber a taça até ao fim, com um profundo e secreto medo de chegar ao termo de tudo. Muitas vezes tinha assim vivido muitas vezes já esvaziara a taça, muitas vezes ardera em altas chamas. Havia ocasiões em que esses períodos terminavam suavemente como uma profunda hibernação sem consciência. Em

outras ocasiões, tinha sido terrível, numa devastação sem propósito, com dores intoleráveis, médicos, tristes renúncias e a vitória da fraqueza. E, sem dúvida, de cada vez o final de cada um desses períodos de intensidade tinha sido pior, mais triste, mas devastador. Mas tinha sempre sobrevivido e depois de semanas ou meses depois da agonia ou do entorpecimento, a ressurreição se fizera sentir, com novo ardor, nova erupção do fogo subterrâneo, novas obras apaixonadas e novo e radioso delírio de viver. Sempre fora assim e os tempos de sofrimento e depressão, os intervalos angustiosos eram esquecidos e desapareciam. Era bom que fosse assim. E daquela vez acontecera o que já havia tantas vezes acontecido.

Pensou com um sorriso em Gina, a quem vira naquela noite e em torno de quem na sua longa caminhada noturna de volta para casa todos os seus pensamentos haviam meigamente girado. Como ela era bela e como era afetuosa em seu ainda inexperiente e tímido calor. Cheio de ternura, chamou-a baixinho divertidamente, como se estivesse a falar-lhe ao ouvido: "Gina! Gina! Cara Gina! Carina Gina! Bela Gina!"

Voltou ao quarto e tornou a acender a luz. De uma pequena pilha desarrumada de livros, tirou um volume de poemas de capa vermelha. Tinha-se lembrado de alguns versos que lhe pareciam indizivelmente belos e apaixonados. Levou muito tempo a procurar até que os achou:

"Não me deixes assim dentro da noite e da tristeza, / Tu que és a amada única e bela como a lua, / Tu que és meu fósforo e minha vela, / Tu que és meu sol e minha luz!"

Saboreou com profundo prazer o vinho forte dessas palavras. Como eram belas, ternas e mágicas "Tu que és o meu fósforo..." E: "Tu que és bela como a lua!..."

Sorrindo, passeou em frente às altas janelas recitando os versos endereçados à distante Gina: "Tu que és o meu rosto da lua..." E a sua voz estava carregada de carinho.

Abriu então a pasta que ainda levava consigo toda a noite, depois de um longo dia de trabalho. Abriu o caderno de desenhos, o pequeno, o que mais lhe agradava, e procurou as últimas páginas, que datavam daquele dia e do dia anterior. Ali estava a montanha cônica e as fundas sombras dos rochedos. Ele a havia modelado de modo que se parecesse com um rosto grotesco e a montanha parecia gritar, com a boca escancarada de dor. Ali estava a pequena fonte de pedra, um semicírculo na encosta da montanha, com o seu arco de alvenaria cheio de sombras escuras e uma romãzeira em flor a esplender acima dela. Tudo isso estava ali para que apenas ele pudesse ler, escrita secreta para ele mesmo, notas ansiosas do momento, lembretes apressados de cada instante em que a natureza e o coração tinham tornado a bater unissonamente. Vinham então os esboços coloridos maiores, folhas em branco a ostentar trechos luminosos de aquarela: a vida vermelha perdida na floresta a brilhar intensamente como um rubi sobre veludo verde e a ponte de ferro de Castiglia, vermelha sobre a montanha verde-azul, a represa violeta ao lado e a estrada cor-de-rosa. Depois: a chaminé da olaria, o foguete vermelho sobre o verde das árvores frio e claro, marco azul de estrada, céu violeta claro com nuvens espessas como que enroscadas. A folha era boa e podia ser conservada. Mas era uma pena o desenho da entrada do estábulo. O castanho avermelhado contra o céu de aço estava bem; falava e tinha ressonância. Mas o desenho ficara incompleto. A luz do sol incidira sobre a folha e lhe provocara dores alucinantes nos olhos. Tinha depois banhado o rosto por muito tempo num regato. O castanho avermelhado contra o azul metálico e maligno do céu estava ali e era bom. Não havia o menor matiz errado ou a menor vibração omitida. Sem vermelho indiano não seria possível conseguir aquele efeito. Nesse ponto é que estavam os segredos. As formas da natureza, as suas partes superiores e inferiores, a sua espessura e delgadeza podiam ser modificadas, podia-se renunciar a todos os meios comuns de imitar a natureza. Era possível também falsificar as cores; podia-se decerto acentuá-las, amortecê-las ou traduzi-las de cem maneiras. Mas quando se queria com a cor exprimir um fragmento da natureza era preciso que as cores estivessem no desenho com o máximo de exatidão no seu relacionamento, com as mesmas tensões que tinham na natureza. Nesse particular, o pintor ficava dependente, tornava-se um naturalista, ainda que usasse laranja em vez de cinza e carmim em vez de preto.

Por conseguinte, outro dia se perdera e o rendimento fora escasso. Apenas a folha com a chaminé da fábrica, o desenho em vermelho e azul da outra página e talvez o esboço com a fonte. Se no dia seguinte o céu estivesse encoberto, iria até Carabbina, onde havia o pátio com as lavadeiras. Se chovesse de novo, ficaria em casa e começaria o quadro do regato a óleo. E agora para a cama! Já passava de uma hora!

Chegando ao quarto, tirou a camisa e jogou água nos ombros indo molhar o chão de ladrilhos vermelhos. Depois, jogou-se na cama e apagou a luz. Pela janela, viu o pálido Monte Salute, cujas formas tinha mil vezes apreciado da cama. Do fundo da garganta cheia de árvores, uma coruja deu um pio profundo e vazio, como o sono e o esquecimento.

Fechou os olhos e pensou em Gina e no pátio com as lavadeiras. Deus do céu, quantas coisas o esperavam, quantas taças se lhe ofereciam. Nada havia na terra que ele não devesse pintar. Não havia na terra mulher alguma a quem ele não devesse amar. Por que existia o tempo? Por que tinha de haver sempre essa idiota sucessão de uma coisa a outra e não uma simultaneidade ardente e capaz de saciar? Por que estava ele de novo sozinho ali na cama, como um viúvo, como um velho? Através da curta vida, podia-se ter prazer, podia-se criar, mas só se cantava uma canção depois da outra. Nunca se ouvia a sinfonia completa com a sua centena de vozes e instrumentos.

Muito tempo antes, quando tinha doze anos, fora Klingsor, o que tinha dez vidas. Os garotos tinham uma brincadeira de soldado e ladrão e cada ladrão tinha dez vidas. Sempre que um dos soldados tocava com a mão ou com o dardo um dos ladrões este perdia uma vida. Podia-se ainda continuar no jogo e livrar-se dos soldados quando se tinham seis, três e até uma vida ainda. Só com as dez perdidas é que se estava fora. Mas ele, Klingsor, tinha como ponto de honra não perder uma só de suas dez vidas e se sentia desmoralizado quando saía da brincadeira com apenas nove ou sete vidas. Assim é que ele era quando garoto, naquele incrível tempo em que nada no mundo lhe era impossível, nada no mundo era difícil, todos o amavam, Klingsor comandava a todos e tudo lhe pertencia. Era assim que ele tinha continuado a viver, sempre contando com dez vidas. E se jamais conhecera a saciedade e jamais ouvira a sinfonia completa, por outro lado nunca a sua canção fora monocórdica e pobre. Sempre tivera algumas cordas a mais em seu violino, alguns ferros a mais no seu fogo, algumas moedas a mais em sua bolsa e alguns cavalos a mais no seu carro. Louvado seja Deus!

Como era cheio e vibrante o silêncio do jardim à noite, como se fosse a respiração de uma mulher adormecida! Como gritavam os pavões! Como ardia o calor no seu peito, como seu coração batia, gritava, sofria, alegrava-se e sangrava. Afinal de contas, tinha sido um bom verão o que estava passando ali em Castagnetta. Vivia magnificamente naquelas nobres e velhas ruínas. A vista das costas das centenas de castanheiros que desciam a encosta era maravilhosa. Era belo descer de vez em quando daquele mundo nobre de floresta e castelo para olhar os alegres e pitorescos brinquedos lá embaixo e pintá-los em todo o seu jovial esplendor: a fábrica, a estrada de ferro, os bondes azuis, a coluna dos anúncios no cais, pavões que passavam empertigados, mulheres, padres, automóveis. E como era belo, doloroso e incompreensível o sentimento em seu peito, aquele amor e aquele palpitante anseio por toda a fita colorida e todo o farrapo de vida, aquele doce e compulsivo impulso de ver e dar forma e também secretamente ao mesmo tempo, finamente encoberto, o conhecimento íntimo da infantilidade e da inutilidade de tudo o que fazia!

A breve noite de verão se consumiu febrilmente. O vapor subiu das verdes profundezas do vale, a seiva ferveu em cem mil árvores, cem mil sonhos se agitaram no sono leve de Klingsor e sua alma atravessou o salão de espelhos de sua vida onde todas as imagens se multiplicavam e de cada vez encontravam novo rosto e nova significação e entravam em novas ligações como se um céu de estrelas fosse agitado num copo de dados.

Um sonho entre todos impressionou-o e encantou-o. Estava ele numa floresta e tinha uma mulher de cabelos vermelhos no colo, enquanto outra de cabelos pretos se apoiava no seu ombro e uma terceira, ajoelhada ao seu lado, segurava-lhe a mão e beijava-lhe os dedos. E por toda a parte em torno dele, viam-se mulheres e mocinhas, algumas crianças, com longas pernas esbeltas, muitas em flor, outras já maduras e com sinais de

conhecimento e de cansaço nos rostos inquietos, e todas o amavam e queriam ser amadas por ele. Irrompeu então guerra e fúria entre as mulheres. A ruiva agarrou a morena pelos cabelos e jogou-a ao chão, mas foi também derrubada. Caíram umas sobre as outras e todas gritavam, todas arranhavam, todas mordiam, todas magoavam, todas sofriam. Risos, gritos de raiva e gemidos de dor se entrecruzavam e misturavam, enquanto o sangue corria abundantemente e as unhas se enterravam tirando sangue das carnes gordas.

Com um sentimento de tristeza e depressão, Klingsor acordou durante alguns minutos e abriu bem os olhos para o claro luminoso da parede. Os rostos das mulheres engalfinhadas surgiram aos seus olhos. Conhecia a muitas e chamou-lhes pelos nomes: Nina, Hermine, Elisabeth, Gina, Edith, Berta. Disse então numa voz rouca e que ainda fazia parte do sonho: "Parem com isso, meninas! Estão me enganando, estão querendo enganar-me: não devem se despedaçar umas às outras, mas a mim, a mim!"

Louis

Louis, o Cruel, caíra do céu. De repente, apareceu ali. Era o velho amigo de Klingsor, o errante, o imprevisível, que morava nos vagões da estrada de ferro e cujo atelier era a sua mochila. Boas horas pingavam do céu naqueles tempos e bons ventos sopravam. Pintavam juntos no Monte das Oliveiras e em Cartago.

— Não sei se toda essa história de pintar vale alguma coisa — disse Louis no Monte das Oliveiras, deitado nu na relva, com as costas queimadas de sol. — Você bem sabe, meu amigo, que só se pinta *faute de mieux*. Se você tivesse sempre no colo a pequena que lhe agrada e no prato a sopa de que está com vontade hoje, não pensaria nem por um instante nesse jogo infantil e sem sentido. A natureza tem dez mil cores e nós metemos na cabeça que podemos reduzir essa escala a vinte cores apenas. A pintura é isso. Nunca estamos contentes com o que fazemos e ainda por cima temos de ajudar os críticos a ganhar a vida. Por outro lado, uma boa *bouillabaisse* marselhesa, *caro raio*, acompanhada de um pouco de Borgonha morno, e depois um bom picadinho à milanesa, peras e gorgonzola de sobremesa e no fim um bom café turco — essa é que é a realidade, esses é que são os valores, meu caro senhor. Como se come mal aqui na sua Palestina! Gostaria era de estar numa cerejeira com as cerejas crescendo em minha boca e bem acima de mim numa escada a moça morena e forte que vimos hoje de manhã. Pare de pintar, Klingsor! Convido-o para comer em Laguno. Já está quase na hora.

— Está falando sério? — perguntou Klingsor, piscando os olhos.

— Claro que estou. Tenho apenas de ir correndo para a estação. Para dizer a verdade, telegrafei a uma amiga minha dizendo que estava à morte e ela pode chegar no trem das onze.

Rindo, Klingsor tirou do cavalete o estudo que começara.

— Tem razão, rapaz. Vamos para Laguno. Mas vista a camisa, Luigi. Os costumes aqui são muito inocentes. Mas, infelizmente, você não pode aparecer nu na cidade.

Foram até à cidadezinha, chegaram à estação, uma bela mulher apareceu e eles foram comer muito bem num restaurante. Klingsor, que as tinha esquecido durante os seus meses na terra, duvidava de que existissem aquelas coisas amáveis e reconfortantes: trutas, presunto defumado, aspargos, Chablis, Vaiais Dôle, Benedictine.

Depois do almoço, embarcaram os três no funicular e subiram para a cidade alta, passando entre as casas, ao lado das janelas e dos jardins suspensos. Ficaram sentados, desceram e tornaram a subir e a descer. O mundo era estranhamente belo e raro, fortemente colorido, um pouco duvidoso, um pouco improvável, mas lindo. Klingsor, porém, sentia-se constrangido. Ostentava um ar de indiferença porque não queria apaixonar-se pela bela amiga de Luigi. Passaram por um café e foram para um parque, deserto àquela hora da tarde, e se deitaram perto da água sob as grandes árvores. Viram muita coisa que merecia ser pintada: casas vermelhas engastadas como pedras preciosas num fundo verde-escuro, serpentárias e fustetes laivados de azul e castanho.

— Você tem pintado muitas coisas deliciosas e alegres, Luigi — disse Klingsor —, de que eu gosto muito: paus de bandeira, palhaços e circos. Mas o que mais me agrada é um trecho apenas do seu carrossel noturno. Lembra-se? Acima da tenda violeta e longe de todas as luzes lá no alto, dentro da noite, há uma pequena bandeira fria, rosa-clara, tão fria, tão solitária, tão horripelantemente solitária! É como um poema de Li Tai Pe ou de Paul Verlaine. Naquela pequena bandeira rosa e ridícula concentra-se toda a desgraça e toda a resignação do mundo e todos os risos que merecem a desgraça e a resignação. Você

justificou sua vida pelo simples fato de ter pintado essa bandeirinha, que considero uma das maiores realizações.

— Sim, eu sei que você gosta dela.

— Você gosta também. Veja, se você não tivesse pintado algumas dessas coisas, toda a boa comida, todo o vinho, todas as mulheres e todo o café de sua vida de nada valeriam, pois você não passaria de um pobre-diabo. Mas você é um rico diabo e um camarada simpático de quem todos gostam. Acontece, Luigi, que eu penso muitas vezes como você... Toda a nossa arte não é senão um substituto, um substituto penoso e dez vezes mais caro da vida dissipada, da animalidade dissipada, do amor dissipado. Mas na realidade não é assim. É muito diferente. Se considerarmos as coisas do espírito como simples substitutos da sensualidade perdida, estaremos subestimando as coisas dos sentidos. A sensualidade não vale um centil mais que a espiritualidade e a recíproca é verdadeira. É tudo igual e tudo é igualmente bom. Quer se abrace uma mulher, quer se escreva um poema, é tudo a mesma coisa. Enquanto a coisa principal for o amor, o entusiasmo, a emoção, tanto faz ser um monge do Monte Atos ou um homem de sociedade em Paris.

Louis olhou para ele com olhos zombeteiros e disse:

— Rapaz, você está ficando muito floreado para mim.

Passearam pelas vizinhanças em companhia da bela mulher. Ambos eram muito bons em ver as coisas e bem podiam ser. Dentro do circuito de algumas vilas e aldeias, viam Roma, o Japão, os Mares do Sul e dissipavam as ilusões de novo com os dedos que brincavam. Os caprichos deles acendiam estrelas no céu e tornavam a apagá-las. Deixavam os seus globos de luz subir para a noite exuberante. O mundo era uma bolha de sabão, um espetáculo de ópera, um alegre disparate.

Louis voava na sua bicicleta através da região montanhosa, corria para aqui e para ali, enquanto Klingsor pintava. Klingsor sacrificava muitos dias, depois saía de casa obstinadamente e trabalhava. Louis não queria trabalhar. Desaparecia de repente com sua amiga e mandava de longe um cartão-postal. Subitamente reaparecia quando Klingsor já o dava por perdido e surgia à porta, de chapéu de palha e camisa aberta, como se nunca se tivesse ausentado. Mais uma vez, Klingsor bebeu o gole da amizade, da mais doce taça de sua juventude. Tinha muitos amigos e muitos o amavam; a muitos dera, e a muitos abria o seu coração impetuoso. Mas naquele verão apenas dois de seus amigos ouviram de seus lábios o velho grito de seu coração: Louis, o pintor, e o poeta Hermann, chamado Thu Fu.

Havia muitos dias em que Louis se sentava no seu banco de pintura à sombra da pereira ou da ameixeira e não pintava. Ficava ali pensando, colocava papel no cavalete e escrevia, escrevia muito, escrevia muitas cartas. Serão felizes as pessoas que escrevem assim tantas cartas? Louis, o Despreocupado, escrevia terrivelmente, com os olhos colados ao papel durante horas. Muita coisa de que guardava silêncio se agitava dentro dele. Klingsor apreciava isso.

Mas Klingsor procedia de maneira diferente. Não podia ficar calado. Não conseguia esconder o que tinha no coração. As mágoas secretas de sua vida, das quais poucos sabiam, eram reveladas aos seus íntimos. Muitas vezes, sofria acessos de ansiedade e de melancolia, muitas vezes ficava preso num poço de trevas e as sombras de sua vida passada caíam sobre os seus dias, enegrecendo-os. Nessas ocasiões, fazia-lhe bem ver o rosto de Luigi. E então comunicava-lhe muitas vezes os seus sentimentos.

Mas essas fraquezas não agradavam a Louis. Entristeciam-no e exigiam-lhe compaixão. Klingsor insistia em revelar seu coração ao amigo e só tarde demais percebeu que, com isso, o estava perdendo.

Louis começou de novo a falar em partir. Klingsor sabia que só conseguiria prendê-lo por alguns dias, talvez três, talvez cinco. Um dia, finalmente, Louis lhe mostraria as malas feitas e partiria, sem aparecer de novo durante muito tempo. Como a vida era

curta e como tudo era irrevogável! O único de seus amigos que compreendia inteiramente a sua arte e cuja própria arte era próxima da sua e equivalente, ele o havia perturbado e alarmado, apenas por estúpida fraqueza e comodidade em vista da necessidade infantil e indelicada de livrar-se de problemas, não guardar segredos e de esquecer a própria dignidade. Como isso fora irrefletido e pueril! Assim Klingsor se julgava — tarde demais.

No último dia, passearam juntos pelos vales dourados. Louis estava de muito bom humor, pois a partida era o calor da vida para o seu coração de pássaro. Klingsor procurou ajustar-se à disposição do amigo e os dois encontraram o velho tom leve, brincalhão e zombeteiro e não o deixaram fugir. Sentaram-se à noite no jardim da taverna. Comeram peixe preparado especialmente para eles, arroz com cogumelos e derramaram marasquino sobre pêssegos.

— Para onde vai você amanhã? — perguntou Klingsor.

— Não sei.

— Vai viajar ao encontro daquela bela mulher?

— Sim. Talvez... Quem pode saber? Não faça tantas perguntas. Devemos agora, em despedida, beber mais um bom vinho branco. Proponho uma garrafa de Neuchâtel.

Beberam. E então Louis disse de repente:

— É muito bom que eu me vá embora, velho amigo. Às vezes, quando estou sentado ao seu lado, como agora, ocorre-me uma ideia completamente idiota. Penso que os dois pintores de que nossa velha terra pode se orgulhar estão sentados juntos e sinto então uma coisa esquisita nos joelhos e parece que estamos fundidos em bronze lado a lado num monumento, como o de Goethe e Schiller, sabe? Afinal de contas, os dois não têm culpa de estar condenados a ficar ali para sempre segurando as mãos de bronze um do outro e que pouco a pouco se tenham tornado tão odiosos e incômodos para nós. Talvez os dois tenham sido camaradas muito decentes e simpáticos. Li um dia uma peça de Schiller de que gostei muito. Entretanto, é isso o que está acontecendo a ele agora, que é célebre, tem de ficar junto do seu irmão siamês, cabeça de gesso contra cabeça de gesso, enquanto as suas obras completas são publicadas e estudadas nas escolas. É horrível. Pense só que daqui a cem anos um professor poderá dizer aos seus alunos: "Klingsor, nascido em 1877, e seu contemporâneo Louis, por alcunha o Glutão, renovadores da pintura, com a libertação do naturalismo das cores. No exame atento da obra desses dois artistas, encontramos três períodos claramente distintos..." Não! Prefiro hoje mesmo jogar-me debaixo de uma locomotiva!

— Seria muito melhor jogar o professor!

— Não há locomotivas tão grandes. Nossa tecnologia ainda é em pequena escala.

Já havia estrelas no céu. Louis de repente tocou o seu copo no copo do amigo.

— Muito bem, bebamos mais uma vez à saúde um do outro. Depois, montarei na minha bicicleta e adeus. Nada de longas despedidas. O jantar já está pago. *Prosit*, Klingsor!

Tocaram os copos e beberam. No jardim, Louis montou na bicicleta, deu adeus com o chapéu na mão e se foi. Noite. Louis estava na China. Louis era uma lenda.

Klingsor sorriu tristemente. Como amava aquele pássaro migratório! Muito tempo ficou ele no caminho de cascalho da taverna, olhando para a rua vazia.

O dia em Kareno

Em companhia dos amigos de Barengo e de Agosto e Ersilia, fez Klingsor a viagem a pé até Kareno. Desceram de manhã bem cedo por entre as espíreas que cheiravam fortemente e as teias de aranha ainda molhadas de orvalho que tremiam na orla dos bosques, através da floresta quente e escarpada, para o vale do Pampambio onde, entorpecidas pelo dia de verão, ao lado da estrada amarela e clara, as casas dormiam, curvadas para a frente e semimortas. Junto ao regato seco, os brancos salgueiros metálicos suspendiam as asas pesadas sobre os campos dourados. O colorido grupo dos amigos deslizou pela estrada através do verde enevoado do vale. Os homens estavam vestidos de branco e amarelo, em linhos e sedas, as mulheres em branco e rosa e a imponente sombrinha verde veronese de Ersilia cintilava como uma joia num anel mágico.

O Doutor disse melancolicamente com a sua voz cheia de simpatia:

— É uma pena, Klingsor, mas suas admiráveis aquarelas estarão todas brancas dentro de dez anos. As cores que você prefere não são duradouras.

— É verdade, Doutor — disse Klingsor —, e ainda há coisa pior. Dentro de dez anos, seus belos cabelos castanhos estarão todos grisalhos e, ainda um pouco depois, nossos ossos belos e novos estarão debaixo de algum buraco na terra e também os seus ossos belos e sadios, Ersilia. Não vamos começar a ser sensatos tão tarde na vida. Como foi que Li Tai Pe disse, Hermann?

Hermann, o poeta, parou um instante e recitou:

*A vida passa como um relâmpago,
Cujo brilho só dura o instante de ser visto.
Enquanto o céu e a terra estão eternamente imóveis.
A vida passa rápida e mutável pelo rosto do homem.
Ó tu, que estás ao lado da taça cheia sem beber,
Dize-me, que é que estás esperando?*

Não — disse Klingsor. — Estou falando em outros versos, que são rimados e falam em cabelos que de manhã são pretos...

Hermann disse prontamente os versos:

*Pretos, pela manhã, brilhavam teus cabelos
E já os cobre a neve, ao triste fim do dia.
Se não queres em vida achar da morte os gelos,*

Ergue a taça a pedir à lua companhia.

Klingsor riu e disse com sua voz um pouco rouca:

— Bravo, Li Tai Pe! Era um homem que tinha intuições e sabia de tudo. Nós também sabemos de muita coisa, ele é nosso sábio irmão mais velho. Um dia embriagador como este seria muito do seu agrado. É exatamente um dia lindo para morrer como Li Tai Pe morreu num bote sobre um rio calmo, ao cair da tarde. Como veem, tudo será admirável hoje.

— Qual foi a morte que Li Tai Pe teve no rio? — perguntou a pintora.

Mas Ersilia interveio com sua voz agradável e profunda:

— Parem com isso! Deixarei de gostar de qualquer pessoa que ainda disser qualquer palavra sobre morrer e morte! *Finisca adesso, brutto* Klingsor!

Klingsor se aproximou dela, rindo:

— Tem toda a razão, bambina. Se eu ainda disser uma palavra sobre a morte, pode vazar-me os olhos com a ponta dessa sombrinha. Mas, na verdade, está um dia maravilhoso, meus caros. Hoje, está cantando um pássaro que saiu de um conto de fadas. Já o ouvi hoje de manhã. Está soprando um vento, que é também de um conto de fadas, um filho do céu que desperta a princesa adormecida e tira o juízo das pessoas. E hoje desabrochou uma flor, ainda ela nascida de um conto de fadas, toda azul e que só nasce uma vez na vida. Quem a colhe ganha a felicidade.

— Ele quer dizer alguma coisa com isso? — perguntou Ersilia ao Doutor.

Klingsor a ouviu.

— Quero dizer apenas que este dia nunca mais se repetirá e quem não o comer, beber, provar e cheirar, nunca mais terá outra chance em toda a eternidade. Nunca mais o sol brilhará como hoje. É uma constelação no céu, uma conjunção com Júpiter, comigo, com Agosto, com Ersilia, com todos nós, que nunca mais haverá nem daqui a mil anos. Permita então que eu fique à sua esquerda, pois isso dá sorte, e leve a sua sombrinha cor de esmeralda pois à sombra dela meu crânio brilhará como uma opala. Mas você deve também cantar alguma coisa, uma das melhores canções que você souber.

Tomou o braço de Ersilia. Suas feições fortes mergulhavam na sombra verde-azulada da sombrinha. Agradava-lhe a sombrinha e a sua luz agridoce o encantava.

Ersilia começou a cantar:

*Il mio papa non vuole,
Ch'io spos' un bersaglier...*

Outras vozes se juntaram à dela. Continuaram a andar em direção à floresta e entraram na floresta até que a subida se tornou difícil. O caminho subia como uma escada encostada à escarpa para o cimo da montanha.

— Que maravilhosa linha reta a dessa canção! — exclamou Klingsor. — O Papai é contra os que se amam, como em geral acontece. Eles conseguem uma faca bem afiada e

matam o Papai. Este desaparece de cena. O ato é praticado à noite e ninguém o vê senão a lua, que não os trai, as estrelas, que são mudas, e o bom Deus que em breve lhes perdoará. Como é belo e sincero tudo isso! Um poeta de hoje em dia que escrevesse isso seria apedrejado!

Subiam o estreito caminho de montanha sobre o qual caía a sombra crivada de sol dos castanheiros. Quando Klingsor erguia os olhos, via diante do seu rosto as pernas esbeltas da pintora que brilhavam rosadas através das meias transparentes. Voltando-se para trás, passava sobre os negros cabelos ondulados de Ersilia para a turquesa da sombrinha. Embaixo, ela estava vestida de seda violeta, a única nota escura entre todas as figuras.

Perto de uma casa de lavradores, azul e laranja, algumas maçãs verdes de verão, frias e ácidas, estavam caídas no campo e todos as provaram. A pintora falou com entusiasmo de um passeio pelo Sena em Paris antes da guerra. Ah, Paris, e a felicidade de viver naqueles tempos!

— Esses tempos não voltarão. Nunca mais!

— E não devem voltar! — exclamou o pintor ardorosamente, sacudindo a cabeça de falcão. — Nada deve voltar! Para quê? Tudo isso não passa de desejos infantis! A guerra deu a tudo o que havia dantes as cores do Paraíso, até às coisas mais idiotas, às coisas que bem poderíamos dispensar. Muito bem, a vida era bela em Paris, era bela em Roma, era bela em Arles. Mas é menos bela hoje e aqui? O Paraíso não é Paris, nem é o tempo de paz. O Paraíso é aqui, fica ali no alto da montanha e dentro de uma hora estaremos lá e seremos como o bom ladrão, a quem foi dito: "Ainda hoje estarás comigo no Paraíso."

Saíram da sombra mosqueada da floresta na larga e aberta estrada de carros que subia, iluminada e quente, em grandes espirais, para o cume. Klingsor, com os olhos protegidos pelos óculos verde-escuros, era o último do grupo e muitas vezes ficava ainda mais atrás para observar os outros que se moviam e ver as combinações coloridas que faziam. Nada tinha levado para trabalhar, de propósito, nem mesmo o pequeno caderno, mas apesar disso, ficava uma porção de vezes parado com o coração emocionado pelas imagens. O seu corpo magro ficava isolado, branco sobre o vermelho da estrada, à beira de um bosque de acácias. O hálito do verão era quente na montanha, a luz caía perpendicularmente do alto e as cores se atenuavam subindo das profundezas. Nas montanhas próximas, cujos verdes e vermelhos se harmonizavam com as aldeias brancas, surgiam serras azuis; além delas, mais claras e mais azuis, mais e mais montanhas. Muito remotos e irreais alteavam-se os cumes cristalinos e coroados de neve. Acima das acácias e dos castanheiros, o imponente paredão rochoso e encurvado do pico do Salute se elevava avermelhado e violeta claro. Mas o mais belo de tudo eram as pessoas, que como flores se destacavam à luz sob o verde como um gigantesco escaravelho brilhava a sombrinha esmeraldina de Ersilia, o cabelo negro de Klingsor absorvia tudo com os olhos sedentos, mas os seus pensamentos estavam voltados para Gina. Só depois de uma semana poderia revê-la. Ela ficava num escritório da cidade e trabalhava numa máquina de escrever. Era raro que conseguisse vê-la e quase nunca sozinha. E ela o amava, justamente ela que nada sabia dele, que não o conhecia e sabia apenas que ele era uma ave rara, um pintor estrangeiro famoso. Como era estranho que o seu desejo se apegasse a ela e que nenhum outro amor o satisfizesse! Ele não tinha o costume de seguir longos caminhos para chegar a uma mulher. Mas os seguia para aproximar-se de Gina, para passar uma hora junto dela, para segurar-lhe os dedinhos finos, para empurrar seu sapato sob os dela, para dar-lhe um beijo rápido na nuca. Pensava muito nisso, numa atônita dúvida. Já estaria na encruzilhada? Era a velhice que chegava? Ou era apenas o amor da maturidade, de um homem de quarenta por uma mulher de vinte?

Chegaram ao cume do monte e dali um novo mundo se lhes revelou ao olhar. O Monte Gennaro, alto e irreal, se erguia em pirâmides e cones escarpados e agudos, batido obliquamente pelo sol à retaguarda e com cada platô a brilhar como esmalte nas sombras violáceas. Entre o monte e o lugar onde estavam, o ar fervia e o estreito braço

azul do lago repousava entre as chamas verdes da floresta.

Havia uma pequena aldeia no cume da montanha: uma granja com uma casa solarenga acanhada, quatro ou cinco casas de pedra pintadas de azul e rosa, uma capela, uma fonte, algumas cerejeiras. O grupo parou ao lado da fonte sob o sol. Klingsor, porém, continuou a andar e passou por um portão em arco, entrando numa granja cheia de sombras. Três casas azuis se erguiam, com algumas janelas estreitas. Havia entre as casas capim e cascalho, uma cabra e urtigas. Uma menina saiu correndo, mas ele a chamou e tirou chocolate do bolso. A menina parou. Klingsora alcançou, fez-lhe um carinho e deu-lhe o chocolate. Era tímida e bela, muito morena e com os olhos pretos e assustados de um animal e pernas esbeltas e nuas, morenas e brilhantes. "Onde mora você?" A menina correu para a casa mais próxima cuja porta se abriu. De uma sala de pedra escura como uma caverna dos tempos primitivos emergiu uma mulher. Aceitou também chocolate. Das roupas sujas, levantava-se o pescoço moreno, o rosto largo e firme, belo e queimado de sol, a boca rasgada e cheia, os olhos grandes e um encanto rude e doce. As suas amplas feições asiáticas refletiam calma sexualidade e maternidade. Klingsor se inclinou sedutoramente para ela, mas a mulher o afastou rindo e colocou a menina entre eles. Ele saiu então, mas disposto a voltar. Queria pintar aquela mulher ou ser seu amante, nem que fosse por uma hora apenas. Ela era tudo: mãe, criança, amante, animal, madona.

Voltou devagar para onde estava o grupo, com o coração cheio de sonhos. No muro da propriedade, cuja casa estava deserta e fechada, estavam presas velhas e grosseiras balas de canhão. Uma escada caprichosa levava através de arbustos a um pequeno bosque numa elevação com um monumento no alto. Ali, barroco e isolado, via-se um busto com trajes do tempo de Wallenstein, com os cabelos em anéis e barba ondulada e pontuda. Espíritos e fantasmas flutuavam em torno da montanha à luz ofuscante do meio-dia. Coisas estranhas espreitavam dos cantos e o mundo parecia transportado para outra e bem remota clave. Klingsor bebeu água na fonte. Uma borboleta levantou voo perto e foi aspirar as gotas espalhadas na borda de pedra calcária da fonte.

O caminho da montanha seguia pela encosta sob castanheiros e noqueiras, ora ao sol, ora à sombra. Numa curva, havia uma capela à beira do caminho, velha e amarela, velhos quadros desbotados em nichos, uma cabeça de santa, de rosto angélico e infantil, com um fragmento de manto castanho e vermelho e o resto esfarelado. Klingsor apreciava muito esses velhos quadros, principalmente quando os encontrava as sim inesperadamente, gostava daqueles afrescos e amava a maneira pela qual aquelas velhas obras voltavam ao pó e à terra.

Mais árvores, mais vinhas e a ofuscante estrada quente. Outra curva e de repente o lugar para onde iam surgiu inesperadamente: um portão em arco enegrecido, uma grande igreja de pedra vermelha que se erguia alegre e conscientemente para o céu, uma praça cheia de sol, de pó e de paz, com uma relva queimada de sol que estalava sob os pés a luz do meio-dia refletida pelas paredes brancas, uma coluna com uma figura no alto, invisível na claridade que a envolvia, uma balaustrada de pedra em torno da praça sobre a imensidão azul. Atrás, ficava a aldeia Kareno, primitiva, estreita, sombria, sarracena, escuras cavernas de pedra sob desbotados tijolos vermelhos, ruas opressivamente estreitas e cheias de sombra como num sonho, praticinas que de vez em quando se abriam ao sol, África e Nagasaki, acima da floresta, abaixo do abismo azul, acima das nuvens brancas e fartas.

— É cômico — disse Klingsor — ver de quanto tempo precisamos para conhecer um pouco o nosso caminho no mundo. Uma vez, quando eu ia para a Ásia há muitos anos, passei à noite num expresso a seis ou dez quilômetros daqui, sem nada saber deste lugar. Fui até a Ásia e naquele tempo era absolutamente necessário que eu fizesse isso. Mas tudo o que ali encontrei encontro hoje aqui. Floresta primitiva, calor, belas pessoas estranhas e sem nervos, muito sol e templos. Gasta-se muito tempo aprendendo a visitar três continentes num só dia. Aqui estão eles! Boas-vindas, Índia! Boas-vindas, África! Boas-vindas, Japão!

Os amigos conheciam uma jovem senhora, que morava ali no alto, e Klingsor estava ansioso por encontrar-se com a desconhecida. Chamava-lhe a Rainha das Montanhas.

Era o título de uma misteriosa história oriental num livro de sua infância.

Cheio de expectativa, o grupo atravessou as ruas estreitas e sombrias. Não havia uma só pessoa, nenhum som e nem mesmo uma galinha ou um cachorro. Mas na penumbra de uma janela, Klingsor viu de repente um vulto silencioso, uma bela moça de olhos negros e com um belo lenço vermelho em torno dos cabelos pretos. O olhar dela, que estava à espera para surpreender o do desconhecido, encontrou o dele e ambos se encararam plena e seriamente, dois mundos estranhos que por um momento se aproximavam. Sorriam então por um instante, o eterno cumprimento dos sexos no fundo do coração, essa velha, doce e ansiosa inimizade. Com um passo em torno do canto da casa, o desconhecido desapareceu e foi guardado no cofre de esperanças da moça, uma imagem entre muitas imagens, um sonho entre muitos sonhos. No coração nunca saciado de Klingsoro leve espinho ficou a doer e ele por um momento pensou em voltar. Mas Agosto chamou-o, Ersilia começou a cantar. Um muro de sombras desapareceu e uma pracinha clara com dois palácios amarelos surgiu calma e ofuscante à luz enfeitada do meio-dia. Havia estreitas sacadas de ferro, cortinas cerradas, num majestoso cenário para o primeiro ato de uma ópera.

— Chegada a Damasco — exclamou o Doutor. — Onde mora Fátima, a pérola das mulheres?

A resposta chegou surpreendentemente do palácio menor. Da fresca sombra da porta semicerrada da sacada elevou-se um estranho tom, depois outro, depois foi repetido e uma oitava acima repetido dez vezes — estavam afinando um piano, um melodioso piano no centro de Damasco.

Devia ser ali que ela morava. A casa parecia, porém, não ter portas. Havia apenas o muro amarelo com duas sacadas e, no alto, perto do telhado, uma velha pintura na parede: flores azuis e vermelhas e um papagaio. Devia ter havido ali uma porta pintada e, quando se batia três vezes nela e se dizia "Chave de Salomão", a porta se abria e o visitante sentia o cheiro de óleos persas. Por trás de véus, sentava-se no trono a Rainha das Montanhas.

Escravas se prosternavam nos degraus aos seus pés e o papagaio pintado voava aos gritos para o ombro da soberana.

Encontraram uma pequena porta numa rua transversal. Um sino barulhento, ligado a um mecanismo diabólico, soou estrepitosamente. Uma pequena escada, estreita como uma escada de mão, levava para cima. Era impossível imaginar como o piano havia entrado naquela casa. Pela janela? Pelo telhado?

Um grande cão preto apareceu correndo, seguido de um pequeno leão fulvo. Uma explosão de som; os degraus tremeram. No interior da casa, o piano tocou onze vezes o mesmo tom. Uma luz suave se derramou de uma sala pintada de rosa. Portas bateram. Havia ali um papagaio?

De repente, apareceu a Rainha das Montanhas, como uma flor esbelta e elástica, ereta e flexível, toda de vermelho, como uma flor de fogo, imagem da juventude. Ante os olhos de Klingsor, centenas de quadros amados se dispersaram e a nova imagem tomou-lhes riosamente o lugar. Soube imediatamente que iria pintá-la não segundo a natureza, mas para reproduzir a radiação que sentia nela, a poesia, a encantadora e aguda ressonância: juventude, o vermelho, o louro, a amazona. Olharia para ela durante uma hora, talvez por muitas horas. Queria vê-la andar, vê-la sentar, vê-la rir, talvez vê-la dançar, talvez ouvi-la cantar. O dia tinha sido cumulado; o dia encontrara o seu sentido. Tudo mais que chegasse era dádiva pura, superfluidade. Era sempre assim com ele: uma experiência nova nunca vinha só. Os pássaros sempre voavam à sua frente, dando-lhe mensagem e prenúncios: o olhar materno asiático por trás daquela porta, a beleza morena da aldeia à janela e agora aquilo.

Por um segundo, sentiu-se estremecer: "Se eu fosse dez anos mais moço, dez breves anos apenas, ela me poderia ter, prender-me, enrolar-me em torno do dedo! Mas não, tu és muito jovem, pequena rainha vermelha, és jovem demais para o velho mago Klingsor!

Ele quer admirar-te, quer conhecer-te de cor, quer pintar-te, quer desenhar para sempre o cântico de tua juventude! Mas não fará peregrinações por ti, não subirá escada alguma por ti, não cometerá assassínios por ti, não cantará serenatas diante do teu belo balcão! Não, nada disso fará por ti o velho pintor Klingsor, o velho tolo! Não te amará, não te lançará o mesmo olhar que lançou para a asiática, que lançou para a morena que estava à janela, que talvez nem um dia seja mais velha do que tu! Para ela, ele não é muito velho, mas o é para ti, Rainha das Montanhas, flor vermelha dos cimos! Para ti, cravo dos bosques, ele é velho demais! Não basta para ti o amor que Klingsor te pode dar entre um dia cheio de trabalho e uma noite cheia de vinho tinto. Tanto melhor, meus olhos te beberão, esbelto foguete, e tanto melhor te conhecerão muito depois de te teres apagado para mim!"

Através de salas pavimentadas de pedra e de arcos sem portas, chegaram a uma sala onde fantásticas figuras barrocas de gesso encimavam altas portas, e em torno da qual, sobre um friso escuro, golfinhos pintados, cavalos brancos e cupidos rosados flutuavam num mar fabuloso e densamente povoado. Havia na grande sala algumas cadeiras e no chão as peças desmontadas do piano. Mas duas portas tentadoras levavam aos dois pequenos balcões abertos para a ensolarada praça de ópera. No canto, abriam-se os balcões do palácio vizinho também cheio de pinturas e onde um gordo cardeal vermelho nadava como um peixe dourado ao sol.

Ficaram ali. Na grande sala, provisões foram desembulhadas e uma mesa posta. Trouxeram vinho, um excelente vinho branco do Norte, chave para abrir a porta a legiões de lembranças. O afinador tinha desaparecido e o piano desmantelado estava silencioso. Klingsor olhou pensativamente para as entranhas nuas das cordas e então fechou devagar a tampa. Os olhos lhe doíam, mas o dia estival lhe cantava no coração, como cantava a mãe sarracena e o sonho azul e estuante de Karenó. Comeu e tocou o copo com os outros. Falava claro e alto, mas atrás de tudo trabalhava o aparelho do seu atelier. Seu olhar envolvia o cravo dos bosques, a flor de fogo como a água em torno de um peixe. Dentro do seu cérebro, um ativo cronista anotava formas, ritmos e movimentos como em colunas de números de bronze.

Conversas e risos enchiam a sala vazia. Ouvia-se o riso prudente e bondoso do Doutor, Ersília ria profunda e cordialmente, sombria e subterraneamente ria Agosto, ao passo que a pintora tinha um riso de pássaro e o poeta falava sensatamente, ao passo que Klingsor fazia pilhérias. Observando tudo de perto, um pouco tímida, a rainha vermelha circulava entre os seus convidados, golfinhos e cavalos, ia para aqui e para ali, ficava de pé junto ao piano, deixava-se cair numa almofada, cortava pão e servia vinho com uma inexperiente mão de moça. A alegria ressoava na sala fria, os olhos brilhavam negros e azuis e diante das iluminadas portas altas dos balcões, a luz deslumbrante do meio-dia olhava, montando guarda.

O claro vinho nobre corria nos copos em delicioso contraste com a simples refeição fria. Fluía claro pela sala o brilho vermelho do vestido da rainha, seguido pelo olhar iluminado e vigilante de todos os homens. Ela desapareceu e voltou com um lenço verde amarrado ao pescoço. Desapareceu e voltou com um lenço azul na cabeça.

Depois da mesa, cansados e saciados, todos saíram e foram para a floresta, onde se deitaram na relva e no musgo. Cintilaram sombrinhas, rostos coravam sob chapéus de palha e resplandecente ardia o sol. A Rainha das Montanhas se deitou vermelha na relva verde, enquanto o seu belo pescoço emergia da chama e o seu sapato alto se mostrava intensamente colorido e vivo no pé delgado. Perto dela, Klingsor tratava de lê-la, de estudá-la, de saturar-se dela como na infância tinha lido e se havia imbuído da história mágica da Rainha das Montanhas. Descansaram, cochilaram, conversaram, lutaram com as formigas, julgaram ver cobras nos matos e os ouriços espinhosos das castanhas se prendiam aos cabelos das mulheres. Pensaram nos amigos ausentes a quem aquela hora teria agradado, mas não havia muitos. Gostariam que estivesse ali Louis, o Cruel, amigo de Klingsor, pintor de carrosséis e de circos. O seu espírito fantástico pairava ali em torno do grupo.

A tarde passou como se fosse um ano no paraíso. Houve muitos risos nas despedidas e Klingsor levou tudo no coração: a Rainha, a floresta, o palácio e a sala dos golfinhos, os

dois cachorros e o papagaio.

Na descida da montanha, entre os amigos, foi pouco a pouco invadido pelo ânimo alegre e exuberante que só sentia nos raros dias em que deixava espontaneamente o trabalho descansar. De mãos dadas com Ersilia, com Hermann, com a pintora, dançou pela estrada cheia de sol abaixo, trauteou canções, divertiu-se infantilmente com anedotas e trocadilhos, abandonando-se ao riso. Corria à frente dos outros e se escondia no mato para amedrontá-los.

Por mais depressa que fossem, o sol desaparecia ainda mais depressa. Quando chegaram a Palazzatto, o sol se escondeu atrás da montanha e no vale já era noite, Tinham-se perdido e tinham descido demais. Estavam com fome e cansados. Sabiam que tinham de abandonar os planos que tinham feito: atravessar os campos plantados até Barenco e comer peixe na hospedaria da beira do lago.

— Meus amigos — disse Klingsor, sentando-se num muro que havia à margem do caminho —, nossos planos eram excelentes e eu teria muito prazer em jantar com os pescadores ou então em Monte d'Oro. Mas não poderemos ir até lá; eu, pelo menos, não posso, que estou cansado e com fome. Não vou dar mais nem um passo além da próxima gruta, que certamente não é longe. Há ali vinho e pão e isso basta. Quem vem comigo?

Todos foram. A gruta foi encontrada num terraço da escarpa no meio da floresta. Havia bancos e mesas de pedra à sombra das árvores. O estalajadeiro foi buscar o vinho frio na adega sob os rochedos. O pão já estava ali. Todos se sentaram e começaram a comer em silêncio, contentes, felizmente, de estar sentados. Por trás dos altos troncos das árvores o dia morria, a montanha azul se tornava preta, a estrada vermelha se tornava branca. Na estrada noturna, ouviram um carro passar e um cachorro latir. Aqui e ali, brilhavam estrelas no céu e luzes na terra e não era possível distinguir umas das outras.

Klingsor estava felizmente repousado a olhar para a noite, enquanto comia pão preto e esvaziava a caneca azulada com vinho. Depois de satisfeito, recomeçou a conversar e a cantar, a balançar-se ao ritmo das canções, a brincar com as mulheres e a aspirar o perfume de seus cabelos. O vinho lhe parecia bom. Velho sedutor, dissuadia facilmente os outros das propostas de continuarem o caminho. Bebia vinho, servia vinho e pedia mais vinho. Lentamente, das canecas azuladas de louça de barro, símbolo da transitoriedade, variegados sortilégios que transformavam o mundo e coloriam as estrelas e as Luzes.

Sentaram-se num balanço que oscilava acima do abismo do mundo e da noite, pássaros numa gaiola dourada, sem pouso, sem peso, em face das estrelas. Cantaram canções exóticas esses pássaros; dos corações extáticos lançavam as suas fantasias para a noite, para o céu, para a floresta, para o universo duvidoso e encantado. A resposta vinha das estrelas e da lua, das árvores e da montanha. Goethe estava sentado ali e também Hafiz, o odor do quente Egito e da grave Grécia se levantava, Mozart sorria e Hugo Wolf tocava piano na noite em delírio.

Houve uma explosão de barulho e um facho de luz. Abaixo deles, exatamente do coração da terra, diretamente pelo coração da terra, corria um trem expresso com as suas cem janelas iluminadas dentro da montanha e da noite. Em cima, no céu, soavam os sinos de uma igreja invisível. A meia-lua surgiu com um jeito furtivo sobre a mesa, brilhou refletida no vinho escuro, marcou os olhos e a boca de uma mulher destacando-os da escuridão e subiu mais, cantando para as estrelas. O espírito de Louis, o Cruel, se curvava sozinho num banco, a escrever cartas.

Klingsor, Rei da Noite, com uma alta coroa nos cabelos, reclinado no banco de pedra, regia a dança do mundo, marcava o compasso, dava entrada à lua, fazia sair de cena o trem. Este desapareceu imediatamente, como uma constelação que descesse a prumo pela margem do céu. Onde estava a Rainha das Montanhas? Não toca um piano dentro da floresta? Não ladra ao longe o desconfiado leãozinho? Não estava ela ainda há pouco usando um lenço azul à cabeça? Alô, velho mundo, cuidado para não cair! Vamos, floresta! Está na hora, montanha negra! Não percam o compasso! As estrelas são azuis e vermelhas como na canção popular: "Teus olhos vermelhos e tua boca azul!"

A pintura era bela; era um brinquedo belo e amável para crianças bem-comportadas. Mas era outra coisa, mais grandiosa e mais importante, dirigir as estrelas, projetar no mundo a batida do próprio sangue e os círculos de cor da própria retina, transmitindo as vibrações da própria alma ao vento da noite. Saíam da frente, montanhas negras! Transformem-se em nuvens e desçam em chuva sobre Uganda! Apareça, espírito de Shakespeare, e cante a canção do bobo bêbado sobre a chuva, que chove em qualquer dia.

Klingsor beijou a pequena mão de uma mulher e encostou-se a um arquejante seio de mulher. Debaixo da mesa, um pé roçava pelo seu. Não sabia de quem era a mão, nem de quem era o pé. Sentia-se rodeado de ternura e ficava contente de ver renovada a velha magia. Era ainda jovem, ainda estava longe do fim e se sentia capaz de irradiação e sedução; as boas e ansiosas mulheres ainda o amavam, ainda contavam com ele.

Animou-se ainda mais. Com voz leve e cantante, começou a contar uma grande epopeia, a história de um amor ou propriamente de uma viagem aos Mares do Sul, onde em companhia de Gauguin e de Robinson Crusóé descobriu a Ilha dos Papagaios e fundou o Estado Livre das Ilhas Afortunadas. Como tinham os mil papagaios brilhado à luz da tarde! Como as suas caudas azuis se tinham refletido nas águas verdes da baía. Os seus gritos e os gritos de mil vozes dos grandes macacos tinham acolhido a Klingsor como uma trovada quando ele fundara o Estado Livre. Encarregou o cacatua branco de formar o gabinete e com o melancólico pássaro de rinoceronte bebera vinho de palmeira numa grande concha de coco. Oh, lua de outros tempos, lua das noites felizes, lua sobre a cabana de estacas entre os caniços! A tímida princesa morena se chamava Kuel Kaluea, que, esbelta e de membros longos, pisava sob o bosque de bananeiras, brilhando como o mel sob a cobertura das grandes folhas, com olhos de corça, costas de gato e uma tensão felina nos tornozelos elásticos e nas pernas musculosas. Kuel Kaluea, criança, ardor primitivo e inocência infantil do sagrado sudeste, mil noites te deitaste ao peito de Klingsor e cada noite era nova, cada noite era mais doce, cada noite era mais terna que todas as outras. Oh, Festa do Espírito da Terra, quando as virgens da Ilha dos Papagaios dançam diante do deus!

Sobre as ilhas, sobre Klingsor e Robinson sobre as histórias e os ouvintes, arqueava-se a noite cheia de estrelas brancas. A montanha se inflava levemente como um ventre e um seio que respirassem sob as árvores, as casas e os pés dos homens. A lua veloz dançava febrilmente na meia esfera do céu, seguida pelas estrelas numa silenciosa e desvairada dança. Cadeias de estrelas se enfileiravam como o cabo rebrilhante de um funicular que subisse para o paraíso. A floresta primitiva se ensombrava maternalmente, o mundo primordial se impregnava na lama do cheiro da decadência e da geração, cobras e crocodilos rastejavam e sem limites se derramava a torrente das formas.

— Vou voltar a pintar, apesar de tudo — disse Klingsor.

— Já amanhã. e não vou mais pintar estas casas, gente e árvores. Vou pintar crocodilos e estrelas-do-mar, dragões e cobras purpúreas e tudo o que está mudando, no desejo de ser homem, no desejo de ser estrela, repleto de nascimento, repleto de decadência, repleto de Deus e de morte.

No meio dessas palavras quase sussurradas, no meio dessa hora delirantemente embriagada, soou profunda e clara a voz de Ersilia. Era ainda a canção do bel mazzo di fiori. A alegria se derramava do seu canto. Klingsor o ouviu como se viesse de uma ilha distante através de mares, de tempo e solidão. Fez girar a sua taça mas não a encheu mais de vinho. Escutava. Uma criança cantava. Uma mãe cantava. Quem era ele? Um homem errante e infame, atolado na lama do mundo, réprobo e canalha ou era apenas uma criancinha tola?

— Ersilia — disse ele, cheio de veneração —, tu és a nossa boa estrela.

Montanha acima, através da escarpada e escura floresta, seguiram, agarrados a galhos e raízes, à procura do caminho de volta. Alcançaram uma parte menos densa da floresta e, depois, os campos. Um caminho estreito por dentro de uma plantação de milho falava da noite e da volta para casa. A lua brilhava nas folhas espelhantes do milho e fileiras

oblíquas de videiras se estendiam mais adiante. Klingsor cantou então na sua voz baixa e um pouco rouca, muitas canções murmurantes em alemão e em malaio, com palavras e sem palavras. Cantando assim, fazia fluir tudo o que estava acumulado dentro dele, como um muro pardo irradia à noite a luz do sol que recebeu durante o dia.

Aqui, um dos amigos se despediu, ali outro, cada qual desaparecendo nos caminhos sob as vinhas. Cada um partia e seguia por si mesmo, no rumo de casa, sozinho sob o céu. Uma das mulheres deu em Klingsor um beijo de boa noite e sua boca ardente aspirou a dele. Rolavam dali, dissolviam-se na distância, todos eles. Quando Klingsor subia sozinho os degraus de sua casa, ainda cantava. Louvava a Deus e a si mesmo, celebrava Li Tai Pe e o bom vinho de Pampambio. Como um ídolo, descansava entre nuvens de afirmação.

"Intimamente", cantava ele, "sou como uma bola de ouro, como a cúpula de uma catedral, sob a qual o homem se ajoelha e reza, enquanto o ouro cintila nas paredes, o Salvador sangra num velho quadro e o Coração de Maria sangra. Também nós sangramos, nós que somos almas errantes, que somos estrelas e cometas. Sete e quatorze espadas trespassam nossos peitos abençoados. Eu te amo, mulher morena e loura, amo a todos, até os filisteus. Sois pobres-diábolos como eu; sois todos criancinhas e semideuses transviados como o ébrio Klingsor. Louvada sejas, amada vida, louvada sejas, amada morte!"

De Klingsor a Edith

"Querida Estrela no Céu do Verão:

Como me escreveste bem e com sinceridade e como o teu amor me chama dolorosamente como o canto eterno, como a eterna reprovação. Mas estás no bom caminho quando te confessas a mim, quando confessas a ti mesma todos os sentimentos do coração. Não chames, porém, sentimento algum mesquinho, nem emoção alguma indigna! Todo o sentimento é bom, muito bom, até o ódio, até a inveja, até o ciúme, até a crueldade. De nada mais vivemos todos senão de nossos pobres, belos e gloriosos sentimentos e cada pessoa a quem tratamos mal é como uma estrela que apagamos.

Se amo Gina, não sei. Duvido muito disso. Não seria capaz de fazer qualquer sacrifício por ela. Não sei nem se sou capaz de amar. Posso desejar, posso procurar a mim mesmo em outras criaturas, posso escutar um eco, posso querer um espelho, posso procurar o prazer sensual e tudo isso pode parecer amor.

Nós ambos, tu e eu, erramos no mesmo labirinto, no jardim de nossos sentimentos que se tornaram muito curtos neste mundo mau e, por isso, procuramos, cada qual a seu modo, vingar-nos do mundo perverso. Mas queremos que um dos outros sonhos permaneça, pois sabemos como é doce e vermelho o vinho dos sonhos.

Clareza sobre os seus sentimentos e sobre a importância e consequência dos seus atos, só têm as pessoas boas e seguras que acreditam na vida e nada fazem que não possam achar justo amanhã e depois de amanhã também. Não tenho a sorte de estar entre essas pessoas e me sinto e procedo como alguém que não crê no dia de amanhã e considera cada dia como o último.

Amada e esbelta criatura, procuro sem êxito exprimir os meus pensamentos. Os pensamentos expressos são sempre tão mortos. Vamos deixar que vivam! Sinto profunda e gratamente que me compreendes e que alguma coisa em ti tem afinidade comigo. Como isso deve estar inscrito no livro da vida e se os nossos sentimentos são de amor ou desejo ou simpatia, se são maternos ou infantis, isso não sei. Muitas vezes vejo cada mulher como uma velha e astuta libertina e muitas vezes como um pequeno garoto. Ora é a mulher mais casta que mais me tenta, ora é a mais depravada. Tudo o que me é dado amar é belo, é sagrado, é infinitamente bom. Como, por quanto tempo, com que intensidade, isso eu não posso medir.

Não amo só a ti, como sabes, e não amo só a Gina. Posso amanhã e depois de amanhã amar outras mulheres, pintar outros quadros. Não lamento, porém, qualquer amor que tenha tido, nem qualquer ato sensato ou louco que tenha cometido em consequência deles. Talvez te ame a ti porque és parecida comigo. Amo a outras porque são muito diferentes de mim.

É tarde da noite. A lua está sobre o Monte Salute. Como ri a vida, como ri a morte!

Joga esta tola carta no fogo e depois joga no fogo

o teu Klingsor"

A música do declínio

Tinha chegado o último dia de julho, o mês predileto de Klingsor. O grande festival de Li Tai Pe tinha murchado e nunca mais foi repetido. Os girassóis erguiam aos gritos o seu ouro para o azul. Em companhia do fiel Thu Fu, Klingsor peregrinava nesse dia através da região que amava: arredores causticados de aldeia, estradas poeirentas sob altas alamedas, casas pintadas de vermelho e laranja na margem arenosa, caminhões e cais dos navios, longos muros violeta, gente pobre e pitoresca. À tardinha, sentou-se no pó nos confins de um subúrbio e pintou as tendas e os carros coloridos de um carrossel. Agachou-se à beira da estrada, na relva nua e queimada, atraído pelas cores fortes das tendas. Agarrou-se firmemente ao lilás desbotado do debrum de uma tenda, aos alegres verdes e vermelhos dos pesados carros e aos postes riscados de azul e branco de sustentação da estrutura. Pintou animadamente com cádmio, empregou ferozmente o doce e frio cobalto, traçou linhas dissolvidas de laca vermelha sobre o céu verde e amarelo. Mais uma hora, talvez menos, e teria de parar com a chegada da noite. Começaria então agosto, o mês da febre ardente, que tanto medo da morte e tanta ansiedade misturava em sua taça crepitante. A foice era afiada, o dia declinava e a morte ria escondida na folhagem calcinada. Grita alto e sopra a tua trombeta, cádmio! Estronda, laca vermelha! Ri estrepitosamente, amarelo-limão! Aproxima-te, azul profundo da montanha distante! Pousai em meu coração, árvores verdes de folhas secas e empoeiradas! Como estais cansadas, como vossos galhos se curvam submissamente! Bebo a todas essas belas coisas do mundo! Dou-lhes uma aparência de duração e imortalidade, eu que sou o mais transitório, o mais descrente, o mais triste de todos os entes e que sofro mais que todos o medo da morte. Julho foi consumido e agosto em breve será consumido também. E, de repente, o grande fantasma nos esfriará por entre as folhas amareladas no orvalho da manhã. Subitamente, novembro correrá através da floresta, subitamente o grande fantasma estará rindo, subitamente o coração ficará frio, subitamente a linda carne rosada cairá de nossos ossos, o chacal uivará no deserto e o abutre cantará o seu maldito canto. Um horrível jornal da cidade grande publicará minha fotografia e embaixo dela as palavras: "Destacado pintor expressionista, grande colorista, morto no dia dezesseis deste mês".

Cheio de raiva, estendeu ele um sulco de azul de Paris sob o carro de ciganos verde. Cheio de amargura, quebrou com amarelo cromo o canto das pedras do meio-fio. Cheio de desespero, derramou cinábrio num ponto vazio em desafio ao esparramado branco. Sangrando, lutou pela continuação e gritou em verde brilhante e em amarelo napo litano o Deus inexorável. Gemendo, jogou mais azul no triste verde empoeirado; suplicantemente, acendeu luzes mais profundas no céu da tarde. A pequena paleta, cheia de cores puras e sem mistura, intensamente luminosas, era seu consolo, sua torre, seu arsenal, seu livro de orações, seu canhão com o qual atirava na morte perversa. A púrpura era uma negação da morte, o cinábrio era a zombada em face do declínio. O seu arsenal era bom; os seus bravos soldados se alinhavam brilhantemente e as rápidas descargas de seu canhão brilhavam. Mas nada disso ajudava, os tiros eram inúteis, embora fossem bons e representassem consolo e felicidade, fossem ainda vida, fossem ainda triunfo.

Thu Fu fora visitar um amigo, que tinha a sua cidadela mágica entre a fábrica e o cais. Estava de volta naquele momento, trazendo em sua companhia o astrólogo armênio.

Klingsor, que terminara a pintura, respirou profundamente quando viu os dois rostos ao seu lado, os cabelos louros de Thu Fu, a barba preta e a boca sorridente de dentes brancos do mágico. E com eles veio também Sombra, esguio, escuro, com os olhos que se sumiam nas órbitas profundas. Seja bem-vindo, também tu, Sombra, bom companheiro!

— Sabe que dia é hoje? — perguntou Klingsor a seu amigo.

— Sei que é o último dia de julho.

— Levantei hoje um horóscopo — disse o armênio — e vi que esta noite deve trazer-me alguma coisa. Saturno está estranho. Marte, neutro e Júpiter domina. Não nasceu em julho, Li Tai Pé?

— Nasci no dia dois de julho.

— Era o que eu pensava. As suas estrelas estão muito confusas, meu amigo, e só você pode interpretá-las. A fertilidade o cerca como uma nuvem prestes a abrir-se. As suas estrelas estão em posição estranha, Klingsor. Não pode deixar de estar sentindo isso.

Klingsor arrumou os seus apetrechos. Apagara-se o mundo que ele pintara, apagara-se o céu verde e amarelo, a clara bandeira azul estava esmaecida e o belo amarelo murchara e fora assassinado. Sentia fome e sede e a garganta estava cheia de poeira.

— Amigos, vamos passar esta noite juntos — disse ele cordialmente. — Nunca mais estaremos juntos, os quatro. Leio isso não nas estrelas, mas no que está escrito em meu coração. Minha lua de julho passou, brilham opacamente as suas últimas horas e das profundezas a Grande Mãe lança o seu chamado. Nunca o mundo foi tão belo, nunca pintei um quadro mais belo. Os relâmpagos brilham. A música do declínio começou. Vamos cantar juntos a doce música temível. Fiquemos juntos, bebendo vinho e comendo pão.

Perto do carrossel, cuja tenda fora retirada, pois só estava ali para proteger do sol, havia algumas mesas sob as árvores. Uma empregada coxa passeava de um lado para outro da pequena taverna entre as árvores. Sentaram-se a uma mesa de tábuas. Levaram-lhe pão e vinho servido em louça de barro. Luzes brilharam sob as árvores. A pouca distância, o realejo do carrossel principiou a tocar, espalhando a sua música roufenha pela noite afora.

— Esvaziaremos trezentos copos hoje! — exclamou Li Tai Pe e brindou o Sombra. — Seja bem-vindo, Sombra, firme soldadinho de chumb o! Boas-vindas, amigos! Boas-vindas, luz elétrica, lâmpadas de arco, palhetas cintilantes do carrossel! Quem dera que aqui estivesse Louis, o pássaro fugitivo! Talvez ele já esteja voando à nossa frente no céu. Ou talvez o velho chacal volte amanhã, não nos encontre mais e ria e plante lâmpadas de arco e bandeiras em nossa sepultura!

O astrólogo saiu em silêncio e voltou com vinho novo e um riso de dentes brancos na boca vermelha.

— Melancolia — disse ele, olhando para Klingsor. — É uma coisa que não se deve trazer consigo. Tudo é tão fácil, é obra de um instante, uma hora intensiva com dentes cerrados e então fica-se livre de uma vez da melancolia.

Klingsor olhou atentamente para a boca do outro, para os dentes brancos e retos que tinham outrora numa hora fêrvida triturado a melancolia, ferindo-a de morte. Poderia ele fazer o que o astrólogo tinha conseguido? Ó doce e breve olhar para jardins distantes: vida sem angústia, sem melancolia. Bem sabia que esses jardins lhe eram inatingíveis. Sabia que o seu destino era diferente, que Saturno brilhava para ele de outra maneira e que Deus queria tocar outras músicas em suas cordas.

— Cada qual tem suas estrelas — disse Klingsor em voz pausada. — Cada qual tem sua crença. Creio apenas numa coisa, no declínio. Estamos correndo numa carruagem à beira do abismo e os cavalos já estão refugando. Estamos todos condenados. Todos devemos morrer, todos temos de nascer de novo. Chegamos à grande encruzilhada. é a mesma coisa em toda parte: a grande guerra, a grande transformação na arte, o grande colapso dos estados do Ocidente. Para nós, na velha Europa, já morreu tudo o que era bom e nosso. Nossa bela razão se tornou loucura, nosso dinheiro é apenas papel, nossas máquinas só sabem atirar e explodir, nossa arte é suicídio. Estamos em decadência, amigos; é esse o nosso destino. Começou a música dentro da clave de Tsing Tse.

O armênio serviu vinho.

— Como queira — disse ele. — Pode-se dizer sim, pode-se dizer não. É tudo um jogo de criança. Declínio, decadência são coisas que não existem. Para que houvesse declínio ou para que houvesse ascensão, seria preciso que houvesse alto e baixo como pontos de referência. Mas alto e baixo não existem; vivem apenas no cérebro do homem que é o berço das ilusões. Todos os contrastes são ilusões; o branco e o preto são uma ilusão; a morte e a vida são uma ilusão; o bem e o mal são uma ilusão. Basta uma hora, uma só hora férvida com os dentes cerrados para dominar as ilusões.

Klingsor lhe escutou a boa voz e replicou.

— Estou falando de nós, da Europa, de nossa velha Europa que há dois mil anos se tem julgado o cérebro do mundo. Está em decadência. Pensas que não te conheço, mago? És um mensageiro do Oriente, um mensageiro para mim, talvez um espião, talvez um senhor da guerra disfarçado. Está aqui porque este é o começo do fim, porque sentes o cheiro da decadência. Mas é com prazer que decaímos, é com alegria que morremos e não nos vamos defender, sabias?

— Podes da mesma maneira dizer: teremos prazer era. nascer — disse, rindo, o asiático. — O que a ti parece decadência a mim me parece talvez nascimento. Tanto uma coisa quanto outra são ilusão. Os homens que creem na terra como um disco fixo sob o céu também acreditam na ascensão e na decadência — e quase todos os homens acreditam no disco fixo! Mas as estrelas nada sabem de nascente ou de poente.

— E as estrelas não se põem, as estrelas não estão também condenadas? — perguntou Thu Fu.

— Para nós, para os nossos olhos.

Encheu os copos. Era sempre ele quem servia o vinho, atento e sorridente. Saiu com o jarro para ir buscar mais vinho. O realejo do carrossel estrugia.

— Vamos até lá que é muito bonito — propôs Thu Fu.

Foram até lá e ficaram diante da cerca pintada e viram entre palhetas e espelhos o carrossel girar, seguido pelos olhos ansiosos de cem crianças. Por um momento, Klingsor sentiu, com profundo interesse, o primitivismo e a ingenuidade daquela máquina giratória, da música mecânica, das cores e dos quadros vistosos, dos espelhos e das loucas colunas ornamentais. Tudo falava de magose feiticeiros, de feitiços e da atração dos ratos pelo som da flauta na velha história. No fundo, tudo aquilo não era mais que o engodo que atrai um peixe para ser apanhado.

Todas as crianças tinham de andar no carrossel. Thu Fu deu dinheiro a todas as crianças, o Sombra convidou a todas as crianças. Elas se amontoaram em torno dele, puxaram-no, pediram, agradeceram. Uma linda menina loura de doze anos pediu várias vezes e rodou repetidamente no carrossel. Ao resplendor das lâmpadas, o vento levantava o seu vestidinho curto e lhe mostrava as pernas de menino. Uma criança chorou. Houve brigas entre os garotos. Os címbalos batiam estrepitosamente junto com o realejo, derramando fogo no compasso e ópio no vinho. Muito tempo ficaram os quatro no meio do tumulto.

Voltaram então para baixo das árvores, o armênio serviu o vinho, tabu de novo na decadência e fez ouvir seu riso claro.

— Queremos hoje beber trezentos copos — disse Klingsor cantando.

A cabeça queimada pelo sol brilhava amarelada e o seu riso ressoava forte. A melancolia se ajoelhava, gigantesca, em seu coração palpitante. Levantou o copo e brindou à decadência, à vontade de morrer e à música de Tsing Tse. O realejo do carrossel estrondava. Mas dentro do seu coração havia angústia. O coração não queria morrer, o coração odiava a morte.

De repente, outra música se espalhou dentro da noite, estridente e impetuosa, vindo da taverna. No canto ao lado da chaminé, cuja prateleira estava cheia de garrafas de vinho bem-arrumadas, uma pianola tocava em ritmo de metralhadora, desvairada, ofensiva, rápida. A tristeza gritava dos tons discordantes e o ritmo de rolo compressor abafava e aplainava as dissonâncias. Havia também muita gente lá dentro, luzes e barulho, moças e rapazes a dançar e entre os que dançavam estavam a empregada coxa e Thu Fu. Ele dançava com a menina loura. Klingsor olhou. Leve, o vestido de verão da menina girava em torno de suas pernas lisas e bem feitas. O rosto de Thu Fu sorria amistosamente, cheio de amor. Ao canto da chaminé, estavam sentados os outros, que tinham vindo do jardim e estavam perto da música, no centro do barulho. Klingsor via os tons e ouvia as cores. O mágico tirava as garrafas da chaminé, abria-as e servia o vinho. O riso continuava a iluminar-lhe o rosto moreno e sábio. A música ressoava terrivelmente na sala baixa. Na fila de garrafas em cima da chaminé, o armênio foi pouco a pouco abrindo uma brecha como um ladrão de templos que levasse, cálice a cálice, os utensílios de um altar.

— Tu és um grande artista — disse o astrólogo a Klingsor enquanto lhe enchia o copo. — És um dos maiores artistas deste tempo. Tens todo o direito a chamar-te Li Tai Pe. Mas tu és, Li Tai, um homem atormentado, pobre, sofrido e angustiado. Entoas a música do declínio e permaneces cantando na tua casa em chamas, a que tu mesmo ateaste fogo, mas não te sentes bem, Li Tai Pé, ainda que bebas trezentos copos de vinho por dia e tenhas a companhia da lua. Não és feliz, ao contrário, sofres muito cantor do declínio. Não queres te deter? Não queres viver? Não queres continuar?

Klingsor bebeu e replicou em sua voz rouca:

— Pode alguém mudar o seu destino? Há então livre-arbítrio? Podes guiar a minha estrela, astrólogo?

— Guiar não, mas posso interpretá-la. Só tu podes guiá-la. Há livre-arbítrio, sim. É o que se chama de magia.

— Por que vou dedicar-me à magia se já me dedico à arte? Não é a arte tão boa quanto a magia?

— Tudo é bom. Nada é bom. A sabedoria dos magos elimina as ilusões. A magia elimina até a maior de todas, a que damos o nome de "tempo".

— E a arte não faz isso também?

— Tenta fazer. O julho pintado que tens aí em tua pasta te satisfaz? Venceste por acaso o tempo? Não tens medo do outono e do inverno?

Klingsor deu um suspiro e ficou calado. Bebeu em silêncio e em silêncio o mago lhe encheu o copo. A pianola continuava a tocar febrilmente. O rosto angélico de Thu Fu dançava entre os outros pares. Julho chegava ao fim.

Klingsor brincou com as garrafas vazias em cima da mesa e arrumou-as num círculo.

— São estes os nossos canhões! — exclamou ele. — Com estes canhões, fazemos em pedaços o tempo, a morte, a desgraça. Tenho também atirado na morte com as minhas tintas, graças ao ardente verde, ao cinábrio explosivo e ao doce verniz escarlata. Muitas vezes tenho-a atingido no crânio e já lhe lancei nos olhos punhados de azul e branco. Tenho-a frequentemente posto em fuga. Posso enfrentá-la quantas vezes for preciso, dominá-la, ser mais esperto do que ela. Vejam o armênio. Está abrindo outra velha garrafa para injetar-nos no sangue o sol aprisionado do verão passado. O armênio também não nos pode ajudar a atacar a morte. Ele também não sabe de outras armas contra a morte.

O mágico partiu pão e comeu.

— Não preciso de nenhuma arma contra a morte, porque a morte não existe. O que existe é apenas uma coisa: medo da morte. Isso pode ser curado e há uma arma

eficiente. Leva coisa de uma hora para superar esse medo. Mas Li Tai Pé não quer. Li ama a morte. Ama o medo que tem da morte, a sua melancolia e a sua desgraça. Mas foi o medo que lhe ensinou tudo o que ele sabe e pelo que nós o amamos.

Ergueu o copo zombeteiramente, com os dentes brilhantes e o rosto cada vez mais jovial. A tristeza lhe parecia inteiramente estranha. Ninguém lhe respondeu. Klingsor disparou o seu canhão de vinho contra a morte. A morte aparecia enorme diante das portas abertas da sala, que estava cheia de gente, de vinho e de música de dança. Enorme estava a morte diante das portas, sacudia suavemente as acácias negras e se emboscava soturnamente no jardim. Tudo lá fora estava cheio de morte, saturado de morte. Apenas ali, na sala estreita e ressoante, se lutava brava e heroicamente contra a negra sitiadora que ria pelas janelas.

O mago olhou zombeteiramente através da mesa e zombeteiramente encheu os copos. Klingsor já havia quebrado muitos copos, mas novos copos lhe eram dados. O armênio bebera muito também, mas estava tão firme quanto Klingsor.

— Bebamos, Li — disse ele, no mesmo tom de zombaria. — Bem sabes que amas a morte, queres ser condenado e morrer a tua morte. Disseste mesmo isso ou me enganei ou, afinal de contas, te enganaste a ti e a mim? Bebamos. Li, e sejamos condenados.

A cólera ferveu em Klingsor. Levantou-se, ereto e alto, com o seu rosto cinzelado de velho falcão, cuspiu no vinho e arremessou o copo no chão. O vermelho do vinho espalhou-se pela sala. Os seus amigos empalideceram e os estranhos riram.

Mas o mágico, sorrindo e em silêncio, pegou outro copo, encheu-o de vinho e ofereceu-o sorrindo a Li Tai. Sorriu Li, ele também. Pelo seu rosto contorcido passou um sorriso como um raio de luar.

— Amigos — exclamou ele —, deixemos esse estrangeiro falar. Sabe muitas coisas, essa velha raposa; e vem de uma toca escondida e profunda. Sabe muitas coisas mas não nos compreende. É velho demais para compreender crianças. e sábio demais para compreender tolos. Nós que vamos morrer sabemos mais da morte do que ele. Somos homens e não estrelas. Vejam minha mão que segura neste momento um pequeno copo azul cheio de vinho. Estas mãos, estas mãos morenas podem fazer muitas coisas! Pintaram com muitos pincéis, arrancaram das trevas muitos fragmentos do mundo que colocaram diante dos olhos dos homens. Esta mão morena já acariciou o queixo de muitas mulheres e seduziu muitas moças. Muitas a beijaram e muitas lágrimas já caíram sobre ela. Thu Fu escreveu um poema sobre ela. Esta amada mão, meus amigos, em breve estará cheia de terra e de vermes e nenhum de vocês tocará nela. Ainda assim, eu a amo. Amo minha mão, amo meus olhos, amo a minha macia barriga branca. Amo tudo isso com pesar, com desdém e com grande ternura porque tudo vai murchar e decair em breve. Sombra, escuro amigo, velho soldado de chumbo na sepultura de Anderson, tu também terás o mesmo destino, velho amigo. Bebam comigo! Um brinde a nossos amados membros e entranhas!

Fizeram o brinde. O Sombra sorriu soturnamente de suas profundas órbitas e de repente alguma coisa atravessou a sala como uma rajada de vento, como um espírito. A música parou abruptamente, os dançarinos desapareceram como se a noite os tivesse engolido e metade das luzes se apagaram. Klingsor olhou para as portas escuras. Lá fora, estava a morte. Ele a viu de pé e sentiu-lhe o cheiro. Como gotas de chuva na folhagem da estrada, assim era o cheiro da morte.

Então, Li empurrou o copo, afastou a cadeira, atravessou devagar a sala e saiu sozinho para as trevas do jardim, com os relâmpagos a acenderem-se acima de sua cabeça. Dentro do peito, seu coração era tão pesado quanto a pedra de uma sepultura.

Noite de agosto

Klingsor chegou a uma aldeia ao cair da noite. Passara a tarde em Manuzzo e Veglia, pintando ao sol e ao vento. Atravessou muito cansado a floresta acima de Veglia e foi dar no lugar pequeno e sonolento. Conseguiu chamar uma velha estalajadeira, que lhe levou um copo de barro cheio de vinho. Klingsor sentou-se no toco de uma noqueira diante da porta e procurou em sua mochila. Encontrou ainda um pedaço de queijo e algumas ameixas, e com isso jantou.

A velha ficou sentada perto, de cabelos brancos, curvada e sem dentes e falou com o pescoço enrugado e arquejante e com os velhos olhos parados, da vida do povoado e de sua família, da guerra e dos altos preços, do estado dos campos, do vinho e do leite e de quanto custavam, de netos mortos e de filhos dispersos pelo mundo. Todas as eras e constelações da vida daquela pequena camponesa foram expostas diante de Klingsor com clareza e simpatia na sua escassa beleza, cheias de alegrias e tristezas, cheias de angústia e de vida. Klingsor comeu, bebeu, descansou, escutou, fez perguntas sobre crianças e gado, sobre o pároco e o bispo, elogiou amavelmente o vinho sofrível, ofereceu-lhe uma última ameixa, apertou-lhe a mão, desejou-lhe boa-noite e, apoiando-se na sua bengala e carregando a mochila, começou a subir a montanha lentamente para chegar ao seu pouso para a noite.

Era a hora tardia e dourada em que a luz do dia ainda brilhava mas em que a lua já cintilava e os primeiros morcegos mergulhavam na luz verde e trêmula. Uma orla da floresta se dissolvia na última luz e os claros troncos dos castanheiros se erguiam diante das sombras escuras. Uma cabana amarela irradiava docemente a luz do sol que havia absorvido, brilhando suavemente como um topázio amarelo. Róseos e violáceos, os pequenos caminhos se estendiam através de prados, vinhedos e florestas. Aqui e ali um galho de acácia amarelo e o céu do poente se ostentava dourado e verde acima do azul veludoso das montanhas.

Oh, se fosse possível trabalhar ainda no último quarto de hora encantado do dia sazonado de verão, que nunca mais voltaria! Como tudo era indizivelmente belo naquele momento! Como tudo era tranquilo, bom e dadivoso! Como tudo estava cheio de Deus!

Klingsor sentou-se na relva fresca, pegou mecanicamente o lápis e depois, com um sorriso, deixou a mão cair. Estava mortalmente cansado. Apalpou com a mão a relva seca, a terra seca que se esfarelava. Quanto tempo ainda ia passar até que o excitante jogo terminasse? Quanto tempo ainda até que a mão, a boca e os olhos estivessem cheios de terra? Poucos dias antes, Thu Fu lhe mandara um poema que ele havia guardado na memória e recitou baixinho:

Da árvore da minha vida

As folhas caem lentamente.

Já do mundo afebril lida

Me sacia inteiramente.

Sacia-me, enfarta e cansa.

*Ora encanta, ora embriaga
E o que é hoje esperança
Logo será sombra vaga.*

*Depois, gemerá o vento
Sobre minha sepultura
Mas da mãe o olhar atento
Envolve o filho em ternura.*

*Quero os olhos ver-lhe ainda.
Estrelas do meu destino,
Tudo mais na vida finda
Menos esse olhar divino.*

*Resta só a Mãe eterna
Da qual todos nós viemos,
Que no ar escreve, terna
Nosso nome...e fenecemos.*

Era bom que fosse assim. Quantas de suas dez vidas restavam ainda a Klingsor? Três? Duas? Mais que uma... Ainda uma vida respeitável, comum e burguesa. E quanta coisa tinha feito, quanta coisa tinha visto, quanto papel e quanta tela pintara, quanto amor e quanto ódio tinha provocado em tantos corações, na arte e na vida, quantas aflições e quantos ventos novos tinha espalhado no mundo! Muitas mulheres havia amado, muitas tradições e santuários havia destruído, muitas coisas novas havia ousado. Tinha esvaziado muitos copos, tinha respirado em muitos dias e noites estreladas, tinha se queimado sob muitos sóis, nadara em muitas águas. Ora estava ali sentado, na Itália, ou na Índia, ou China. O vento do verão sacudia caprichosamente as coroas dos castanheiros e o mundo era bom e perfeito. Era igual que ele pintasse mais cem quadros ou dez, que ainda vivesse dez verões ou apenas um. Estava cansado, muito cansado. Tudo mais na vida finda. Caro Thu Fu amigo!

Era tempo de ir para casa. Entraria vacilante no quarto e seria recebido pelo vento através da porta do balcão. Acenderia a luz e tiraria os seus desenhos da mochila. O interior da floresta com todo aquele amarelo cromo e aquele azul da China talvez estivesse bom e desse um quadro algum dia. Bem, já estava na hora de ir chegando.

Continuou, porém, sentado com o vento a agitar-lhe os cabelos, com o paletó de linho a bater sujo de tinta e com risos e tristezas no coração crepuscular. Manso e leve soprava o vento, leves e calados os morcegos mergulhavam contra o céu esmaecente. Tudo na vida finda, tudo quer morrer. Resta só a mãe eterna.

Podia dormir ali mesmo, uma hora pelo menos. Estava tão quente. Descansou a cabeça

na mochila e olhou para o céu. Como era belo o mundo! Como saciava e cansava!

Ouviu passos que desciam a montanha, pisando com força em sapatos de madeira. Entre os fetos e as giestas apareceu um vulto de mulher, as cores de cujo vestido Klingsor não pôde mais distinguir. Ela se aproximou num passo firme e regular. Klingsor levantou-se e deu-lhe boa-noite. Ela levou um pequeno susto e parou um instante. Klingsor viu-lhe o rosto. Já o conhecia, não sabia de onde. Era bonita e morena; os dentes claros brilhavam, belos e perfeitos.

— Muito bem! — exclamou ele, estendendo-lhe a mão. Sabia que alguma coisa o ligava àquela mulher, alguma pequena recordação. — Já não nos conhecemos?

— Madona! Você é o pintor de Castagnetta! Não me reconheceu?

Sim, ele a reconhecia. Era uma camponesa do vale de Taverne. Tinha estado uma vez em casa dela, no belo, frondoso e confuso passado daquele verão, tinha pintado durante algumas horas diante da casa dela bebera a água de sua fonte, tinha dormido durante uma hora à sombra da figueira e no fim ganhara dela um copo de vinho e um beijo.

— Você nunca mais voltou — disse ela. — E me prometeu tanto.

Havia malícia e provocação em sua voz profunda. Klingsor sentiu-se reviver.

— *Ecco*, foi muito melhor que você tivesse vindo para mim agora. Que sorte a minha, quando eu estava tão sozinho e triste!

— Triste? Não tente me enganar. Brinca muito e ninguém pode acreditar numa só palavra sua. Agora, tenho de ir-me embora.

— Neste caso, irei com você.

— Não é o seu caminho e não é necessário. Que me poderia acontecer?

— A você não, mas a mim. Seria muito fácil algum homem aparecer, gostar de ti e beijar-te a doce boca, o pescoço, os lindos seios, outro homem e não eu. Isso não pode acontecer!

Fechou as mãos na nuca da mulher e não a deixou ir.

— Minha estrela! Minha querida! Minha ameixa gostosa! Morda-me senão vou te devorar!

Beijou-a na boca forte e aberta, enquanto ela, rindo, se curvava para trás. Entre resistência e protestos, ela foi cedendo, retribuiu-lhe o beijo, sacudiu a cabeça, riu, tentou soltar-se. Ele a abraçava forte, com a boca na dela e a mão em seus seios. Os cabelos tinham cheiro de verão, como o feno, as giestas, os fetos, os espinheiros. Respirando fundo, ele inclinou a cabeça para trás e viu então no céu a primeira estrela que nascia, pequena e pálida no céu desbotado. A mulher não dizia mais nada. O seu rosto se tornara muito sério. Deu um suspiro, pegou a mão dele e apertou-a de encontro aos seios. Ele se curvou docemente, passou os braços pelas curvas dos joelhos que não resistiam e deitou-a na relva.

— Gosta de mim? — perguntou ela como uma mocinha. — *Povera me*.

Beberam da taça. O vento agitava os cabelos da moça e lhe tirava o fôlego.

Antes que se despedissem, ele procurou na mochila e nos bolsos do paletó alguma coisa que lhe pudesse dar. Só encontrou uma caixinha de prata ainda meio cheia de fumo para cigarros. Esvaziou-a e deu-a a ela.

— Não, isso não é presente, claro que não! — disse ele. — Apenas uma lembrança para que não te esqueças de mim.

— Não te esquecerei — disse ela. — Voltará ainda?

Ele ficou triste. Beijou-lhe demoradamente os olhos.

— Voltarei, sim.

Ficou durante algum tempo parado a ouvir-lhe os passos que ressoavam montanha abaixo, sobre os prados embaixo, através da floresta, da terra, das pedras, das folhas, das raízes. Por fim, não a ouviu mais. A floresta se estendia negra dentro da noite, o vento soprava morno sobre a terra escura. Alguma coisa, talvez um cogumelo, talvez um feto murcho, cheirava acre e fortemente a outono.

Klingsor não se podia decidir a ir para casa. Para que subir a montanha naquele momento, para que ir para o quarto com todos os seus quadros? Estendeu-se na relva e olhou para as estrelas. Dormiu afinal. Dormiu até que, tarde da noite, o grito de algum animal, uma lufada de vento ou o frio do orvalho o acordou. Subiu então para Castagnetta, e encontrou sua casa, sua porta, seu quarto. Havia cartas e flores; tinha havido visitas de amigos.

Cansado como estava, obedeceu aos hábitos tenazes de todas as noites e tirou as coisas da mochila e olhou à luz da lâmpada os seus desenhos daquele dia. Aquele interior da floresta estava bom. As folhas e as pedras sob a sombra mosqueada de luz brilhavam frias e preciosas como uma câmara de tesouro. Fizera bem em trabalhar apenas com amarelo cromo, laranja, e azul, dispensando o cinábrio. Olhou demoradamente a folha.

Mas para quê? Para que todas aquelas folhas cheias de colorido? Para que toda a labuta, todo o suor, toda a breve e inebriada febre de criação? Havia libertação? Havia descanso? Havia paz?

Mal se despiu, jogou-se exausto na cama, apagou a luz, esperou o sono e murmurou os versos de Thu Fu:

Depois, gemerá o vento

Sobre a minha sepultura...

Klingsor escreve a Louis, o Cruel

Caro Luigi:

Faz muito tempo que não ouço tua voz. Ainda vives na luz? Os abutres já te roem os ossos?

Já usou algum dia uma agulha de tricô para mexer num relógio parado? Já fiz isso e de repente o diabo se meteu no mecanismo e fez correr todo o tempo que o relógio esteve parado. Os ponteiros corriam pelo mostrador, avançando loucamente com um barulho sinistro, cada vez mais depressa até que de repente tudo se quebrou e o relógio deu o último suspiro. É mais ou menos o que acontece aqui agora conosco. O sol e a lua correm pelo céu como se tivessem perdido o juízo, os dias fogem e o tempo se escoia como se estivesse vazando de um buraco num saco. Espero que o fim chegue de repente e este mundo bêbado desapareça em vez de voltar a um ritmo respeitável.

Durante os dias, vivo tão ocupado que não posso pensar em coisa alguma. (Como parece ridículo dizer uma frase dessas: "Não posso pensar em coisa alguma"!)

Mas muitas vezes à noite tenho saudades de ti. Em geral, vou para a floresta e me sento numa adega onde bebo o tão celebrado vinho tinto, que quase sempre não vale grande coisa, mas apesar disso faz a vida suportável e dá sono. Há ocasiões em que pego no sono à mesa de uma gruta e provo com isso à gente da terra, que sorri, que minha neurastenia não pode realmente ser tão forte assim. Muitas vezes, amigos e mulheres estão comigo e eu exercito os dedos na plasticidade da carne feminina enquanto falo de chapéus, calcanhares e arte. De vez em quando, temos a sorte de pegar uma boa temperatura e gritamos e rimos durante toda a noite, e todos se alegram de que Klingsor seja tão bom companheiro. Há aqui uma bela mulher que pergunta ansiosamente por ti todas as vezes que a vejo.

A arte que exercemos depende muito do objeto, como diria um professor (seria ótimo representar um enigma pictórico). Estamos pintando as coisas da "realidade", embora de uma maneira um tanto livre e inquietante para o espírito burguês. Pintamos pessoas, árvores, feiras, estradas de ferro, paisagens. Nesse particular, estamos ainda obedecendo a uma convenção. Os burgueses chamam de "reais" as coisas que são vistas e descritas da mesma maneira por todo mundo ou, ao menos, por muitas pessoas. Logo depois deste verão, tenciono durante algum tempo só pintar fantasias, principalmente sonhos. Alguma coisa será de teu gosto, alegre e surpreendente, mais ou menos como as histórias do caçador de coelhos da catedral de Colônia de Collofino. Ainda que eu sinta que o chão sob meus pés está ficando turvo e ainda que no fundo pouca vontade tenha de mais anos e mais realizações, gostaria de lançar ainda alguns violentos foguetes nas faces deste mundo. Um colecionador me escreveu recentemente e disse que via com prazer que eu estava atravessando em meus novos trabalhos uma nova mocidade. Nisso, o homem tem um pouco de razão. Tenho a impressão de que só comecei verdadeiramente a pintar este ano. Mas o que eu estou vivendo é menos uma primavera do que uma explosão. É espantoso ver quanta dinamite ainda há dentro de mim. Mas é uma dinamite de combustão lenta.

Meu caro Louis, muitas vezes me diverte o fato de que dois velhos libertinos como nós sejamos no fundo tão comoventemente envergonhados que preferimos jogar os copos à cabeça um do outro a manifestar os nossos sentimentos recíprocos. Que seja sempre assim, velho ouriço!

Tivemos um destes dias um banquete de pão e vinho naquela gruta perto de Barengo. Os nossos cantos ressoaram no alto da floresta à meia-noite, os velhos cantos romanos. Muito pouco é preciso para ser feliz quando se está ficando velho e os pés começam a ficar frios: oito a dez horas de trabalho por dia, uma garrafa de Piemontese, um pouco de pão, um bom charuto, algumas amigas e, sem dúvida, calor e bom tempo. Isso nós temos. O sol tem funcionado magnificamente e minha cabeça está mais queimada do que a de uma múmia.

Há dias em que eu tenho a impressão de que minha vida e meu trabalho estão apenas começando mas, às vezes, parece que já há oitenta anos trabalho duramente e já tenho direito a um pouco de paz e de férias. Cada qual chega um dia ao seu fim, meu Louis, e assim será comigo e contigo também. Só Deus sabe o que te estou escrevendo, mas é claro que não me sinto bem. Deve ser hipocondria. Os olhos me doem muito e muitas vezes me lembro de um artigo sobre descolamento da retina que li há muitos anos.

Quando olho da porta de meu balcão e contemplo avista que conheces, compreendo claramente que ainda temos de trabalhar muito. O mundo é indizivelmente belo e complexo e através daquela alta porta verde está a me chamar e então eu corro para lá e extraio um pedaço para mim, um diminuto pedaço. Esta verde região por aqui se tornou, graças ao verão seco, extremamente luminosa e avermelhada. Nunca pensei que tivesse de recorrer ao vermelho inglês e à terra de Siena queimada de novo. E depois todo o outono está à espera, com o restolho nos campos, as vindimas, a colheita do milho e a floresta vermelha. Farei tudo isso mais uma vez, dia a dia, e pintarei mais algumas centenas de estudos. Sinto, porém, que depois disso deixarei o caminho e me voltarei para dentro de mim, para novamente, como fiz durante algum tempo quando era moço, pintar de memória e segundo a minha fantasia, escrever poemas e desfiar sonhos. Isso também precisa ser feito.

Um grande pintor parisiense, a quem um jovem artista pediu conselho, disse certa vez: "Meu jovem, se queres ser um pintor, não te esqueças de que, acima de tudo, é preciso comer bem. Em segundo lugar, a digestão é uma coisa da maior importância. Esforça-te por ir à privada regularmente. Terceiro, nunca deixes de ter uma pequena amante bonita!" Ora, pode-se bem dizer, aprendi bem esses princípios da arte e que eles nunca me falham. Mas neste último ano, parece uma praga mas essas coisas tão simples não funcionam mais muito bem comigo. Como pouco e mal e durante muitos dias minha única alimentação é pão; tenho às vezes aborrecimentos com o meu estômago (e devo dizer-te que não conheço nada de mais inútil) e também não tenho uma pequena amante em condições, mas tenho que atender a quatro ou cinco mulheres e vivo tão esgotado quanto faminto. Há uma falha no relógio depois que comecei a mexer nele com uma agulha. Ainda está funcionando, mas depressa como Satã e com um barulho que faz desconfiar. Como é simples a vida quando se tem saúde! Creio que nunca recebeste uma carta minha tão grande, salvo talvez no tempo em que estávamos discutindo sobre a paleta. Vou parar. Já são quase cinco horas e a bela luz está começando. Abraços do teu

Klingsor

Pós-escrito. Lembrei-me de que gostaste muito de um quadrinho meu, o mais chinês que já fiz com a cabana, a estrada vermelha, as árvores pontudas em verde veronese e a distante cidade de brinquedos ao fundo. Não te posso mandar o quadro agora e também não sei onde estás. Mas o quadro é teu, quero que de qualquer maneira saibas disso.

Klingsor manda um poema a seu amigo Thu Fu

(Escrito no dia em que pintou o seu autorretrato)

*Bêbado, estou à noite na floresta batida pelo vento.
Já o outono roeu os galhos murmurantes
E o taverneiro resmunga ao descer para a adega
Afim de encher minha garrafa vazia.*

*Amanhã, amanhã, me cortará a morte pálida
Com sua sibilante foice a carne vermelha.
Sei que de há muito de emboscada
Espera-me essa tão pérfida inimiga.*

*Para dela zombar, canto dentro da noite
E o meu bêbado canto ao bosque exausto sobe
Rio-me de suas ameaças com meu canto
E tem esse sentido este vinho que bebo.*

*Muito fiz e sofri ao errar pelo mundo.
Agora já é noite e aqui bebo e aguardo
Que desça sobre mim a rutilante foice
E do peito vibrante a cabeça separe.*

O autorretrato

No princípio de setembro, depois de muitas semanas de sol excepcionalmente ardente, houve alguns dias de chuva. Durante esses dias, Klingsor pintou na sala de altas janelas do seu *palazzo* em Castagnetta o seu autorretrato, que está agora em Frankfurt.

Esse quadro assustador e, apesar disso, tão magicamente belo foi a última das obras que ele levou até o fim. Foi produzido ao fim do trabalho daquele verão, depois de um período incrivelmente férvido e tempestuoso, do qual o quadro foi o ponto culminante e a coroação. É muito notável que todos os que conheceram Klingsor o reconheçam imediata e infalivelmente no quadro, muito embora nunca um retrato tenha ficado tão afastado de qualquer semelhança naturalista.

Como todas as obras do período final de Klingsor, esse autorretrato pode ser considerado dos mais diversos pontos de vista. Para muitos, especialmente para aqueles que não conheceram o pintor, o quadro é principalmente uma sinfonia de cores, uma tapeçaria admiravelmente harmônica, nobre e tranquila, apesar da imensa variedade dos matizes. Outros veem no quadro uma última e talvez desesperada tentativa de libertação da objetividade. O rosto é pintado como uma paisagem, os cabelos lembram folhas e a casca das árvores e as órbitas parecem fendas num rochedo. Há quem diga que esse quadro só lembra a natureza como uma serra distante lembra um rosto humano, muitos galhos de árvores parecem mãos e pernas, mas apenas de maneira remota e simbólica. Muitos, ao contrário, veem nessa obra apenas o objetivo, o rosto de Klingsor, por ele mesmo analisado e interpretado com implacável intuição psicológica — como uma enorme confissão, uma cruel, gritante, comovente e apavorante justificação. Ainda outros, e neles se incluem alguns dos mais ferrenhos oponentes de Klingsor, veem no quadro apenas um produto e os sinais da suposta loucura do pintor. Comparam a cabeça do quadro com o original naturalista, com fotografias, e apontam, nas distorções e exageros das formas, traços negroides, degenerados, atávicos e animais. Muitos destes ressaltam os aspectos idólatras e fantásticos do quadro, enxergando nela uma espécie de autoadoração monomaniaca, uma autoglorificação blasfema e uma espécie de megalomania religiosa. Todas essas interpretações são cabíveis e muitas mais.

Durante os dias em que estava pintando esse quadro, Klingsor não saía de casa senão à noite para tomar vinho. Comia apenas pão e frutas, que a caseira lhe levava, deixou de fazer a barba e tinha um aspecto verdadeiramente alarmante com a testa queimada de sol e os olhos sumidos nas órbitas num desleixo completo. Pintava sentado e de memória. Só de quando em quando, e quase sempre nas pausas do trabalho, ia até o grande e antigo espelho da parede norte, com a moldura enfeitada de rosas. Estendia então a cabeça para a frente, arregalava os olhos e fazia caretas.

Muitos e muitos rostos via ele sob o rosto de Klingsor no grande espelho entre aquelas ridículas grinaldas de rosas, e pintou esses rostos no seu quadro: rostos de criança doces e espantados, têmperas de adolescente, cheias de sonhos e de paixão, olhos zombeteiros de bebedor, lábios de um sedento, de um perseguido, de um sofredor, de um ser em busca, de um libertino, de um *enfant perdu*. Construiu, porém, a cabeça majestosa e brutalmente como um ídolo da selva, um Jeová, enamorado e enciumado de si mesmo, um monstro a quem se deviam sacrificar os primogênitos e as virgens. Eram essas algumas das suas aparências. Outra era a do homem condenado e decadente que aceitava o seu destino. O musgo lhe crescia no crânio, os velhos dentes estavam tortos, havia gretas através da pele murcha, nas quais cresciam crostas e mofo. Era isso o que alguns amigos amavam particularmente no quadro. Diziam: é esse o homem, *ecce homo*, o homem cansado, selvagem, infantil e refinado de nossa era tardia, o homem

europeu moribundo e que quer morrer, retesado por todos os desejos, enfraquecido por todos os vícios, entusiasmado com a consciência de seu declínio, pronto para qualquer progresso, maduro para qualquer retrocesso, submetendo-se à dor e ao destino como um morfinômano à sua droga, solitário, primitivo, ao mesmo tempo Fausto e Karamazov, animal e sábio, completamente despojado, completamente sem ambição, inteiramente nu, cheio de um medo infantil da morte e de uma cansada disposição a morrer.

E ainda mais longe, ainda mais profundamente sob todos esses rostos dormiam rostos mais remotos, mais fundos, mais velhos, pré-humanos, bestiais, vegetais, pétreos, como se o último homem na terra no momento que precedia a morte estivesse recapitulando mais uma vez em velocidade de sonho todas as formas do seu passado e da mocidade do mundo.

Nesses dias loucamente intensos, Klingsor vivia como em êxtase. A noite, enchia-se de vinho e então ia ficar diante do velho espelho, de vela em punho, e contemplava seu rosto, com o seu sorriso triste de bêbado. Uma noite, ele tinha uma mulher com ele no divã do atelier e enquanto lhe abraçava o corpo nu, olhou por cima do ombro dela para o espelho e viu, ao lado dos cabelos desgrenhados da mulher, o rosto dele cheio de volúpia e de tédio da volúpia, com os seus olhos avermelhados. Ele lhe disse que voltasse no dia seguinte, mas ela ficou apavorada e nunca mais voltou.

À noite, dormia pouco. Muitas vezes acordava de sonhos angustiosos, com o rosto banhado de suor exasperado e cansado da vida. Mas logo se levantava, olhava para o espelho do armário, lia a paisagem desolada com aqueles aspectos deformados, examinando-a sombriamente, cheio de ódio ou sorridente como se estivesse alegre com a sua devastação. Costumava ter um sonho em que se via torturado com agulhas enfiadas nos olhos e as narinas repuxadas com ganchos. Desenhou esse rosto torturado a carvão na capa de um livro que encontrou à mão, mostrando as agulhas nos olhos. Encontramos o estranho desenho depois de sua morte. De outra vez, sofrendo de um acesso de nevralgia facial, agarrava-se todo encurvado às costas de uma cadeira, rindo e chorando de dor, mas ainda com o rosto diante do espelho, estudando as contorções e zombando da dor e das lágrimas.

E não era apenas o rosto ou os seus mil rostos que ele pintou naquele quadro, não foram apenas os olhos e os lábios, a dolorosa ravina de sua boca, os rochedos gretados da testa, as mãos como raízes, os dedos vibrantes, o desprezo da razão, a morte nos olhos. Pintou ao seu jeito pessoal, compacto, conciso e irregular do toque do pincel, pintou também sua vida, suas crenças, seus amores, seus desesperos. Pintou uma faixa de mulheres nuas tangidas pelo vento impetuoso como um bando de pássaros. Vítimas sacrificadas ao ídolo Klingsor; pintou também um jovem com cara de suicida, templos e florestas ao longe, um velho deus barbado, poderoso e estupidificado, um seio de mulher rasgado por um punhal, borboletas com rostos nas asas e no fundo do quadro, na beira do caos, a morte, um fantasma cinzento que cravava uma lança pequena como uma agulha no crânio de Klingsor.

Quando ele tinha pintado durante horas, a inquietação fazia-o levantar-se. Incerto e cambaleante percorria as salas e, batendo as portas ao passar, tirando garrafas do armário, livros das estantes e toalhas das mesas. Deitava-se no chão para ler, debruçava-se nas janelas. Respirando profundamente. Procurava velhos desenhos e fotografias e empilhava no chão, nas mesas, nas camas e nas cadeiras de todos os quartos, papéis, quadros, livros e cartas. Tudo ficava revoltado quando o vento carregado de chuva entrava pelas janelas. Entre as coisas velhas, encontrou uma fotografia dele no tempo de criança, quando tinha quatro anos, da qual espiava numa roupa branca de verão, sob cabelos louros quase brancos, um rosto quase desafiante de criança. Encontrou os retratos de seus pais e de velhos amores de sua mocidade. Tudo lhe interessava, excitava-o, tornava-o tenso e atormentava-o, jogando-o de um lado para outro. Pegava as coisas e largava, até que os braços lhe doíam e ele voltava ao seu cavalete de madeira e continuava a pintar. Pintou mais profundas ainda as rugas através das fendas de seu retrato, aumentou o templo de sua vida, exprimiu poderosamente a eternidade de todas as existências, tornou cada vez mais alto o lamento de sua transitoriedade, deu traços mais doces ao seu retrato, mais desdenhosamente zombou de sua condenação ao declínio. Levantou-se então como um

animal caçado e fez a sua ronda de prisioneiro através de suas salas. A alegria empolgou-o, juntamente com a profunda euforia da criação, como uma chuva agradável, até que a dor arremessou-o ao chão e esmagou-lhe no rosto os fragmentos de sua vida e de sua arte. Rezou diante do seu quadro e cuspiu nele. Estava louco, como todo o criador é louco. Mas com a infalível prudência de um sonâmbulo, fez na loucura da criação tudo o que era preciso para fazer prosseguir a sua obra. Sentia com profunda fé que naquela luta cruel com o seu autorretrato estava em jogo alguma coisa mais que o destino e o julgamento final de um indivíduo, mas que fazia alguma coisa humana, universal e necessária. Sentia com uma fé profunda que estava mais uma vez diante de uma missão, de um destino e que toda a precedente ansiedade e todos os seus esforços para fugir e todo o tumulto e frenesi tinham sido apenas temor da tarefa e uma tentativa de livrar-se dela. Agora, não havia mais nem medo, nem fuga. Não havia outro caminho senão avançar, acutilar e ferir, para a vitória ou para a derrota. Conquistou e foi derrotado, sofreu, riu, abriu caminho, matou e morreu, deu nascimento e nasceu.

Um pintor francês fez-lhe uma visita. A caseira levou o visitante para a antecâmara, a desordem e a sujeira reinavam numa sala repleta. Klingsor saiu do atelier, com as mangas sujas de tinta, com o rosto cheio de tinta, grisalho e com barba por fazer. Atravessou a sala em passos largos. O estrangeiro trazia-lhe lembranças de Paris e Genebra e exprimiu o seu profundo respeito. Klingsor andava de um lado para outro, parecendo que não estava escutando. Confuso, o hóspede ficou em silêncio e levantou-se para sair. Klingsor aproximou-se então dele, pôs as mãos sujas de tinta nos seus ombros, olhou-o bem nos olhos e disse lentamente e com esforço:

— Obrigado, caro amigo. Estou trabalhando, não posso conversar. As pessoas sempre falam demais. Não se zangue comigo e dê lembranças aos meus amigos. Diga que eu os adoro.

E desapareceu de novo em outra sala.

Ao fim daquele dia atormentado, levou o quadro terminado para a cozinha vazia, que não era utilizada e passou a chave na porta. Nunca o mostrou. Tomou então Veronal e dormiu todo o dia seguinte e toda a noite. Depois, lavou-se, fez a barba, vestiu roupas limpas, foi de carro para a cidade e comprou frutas e cigarros para dar a Gina.

* * *